



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Gama – FGA
Engenharia de Software

Arquitetura Monolítica vs Microserviços: uma análise comparativa

Autor: Iasmin Santos Mendes
Orientador: Dr. Renato Coral Sampaio

Brasília, DF
2019



lasmin Santos Mendes

Arquitetura Monolítica vs Microserviços: uma análise comparativa

Monografia submetida ao curso de graduação em Engenharia de Software da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Engenharia de Software.

Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Gama – FGA

Orientador: Dr. Renato Coral Sampaio

Brasília, DF

2019

Iasmin Santos Mendes

Arquitetura Monolítica vs Microserviços: uma análise comparativa/ Iasmin Santos Mendes. – Brasília, DF, 2019-
74 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Dr. Renato Coral Sampaio

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Gama – FGA , 2019.

1. Arquitetura de Software. 2. Monolítico. 3. Microserviços. I. Dr. Renato Coral Sampaio. II. Universidade de Brasília. III. Faculdade UnB Gama. IV. Arquitetura Monolítica vs Microserviços: uma análise comparativa

CDU 02:141:005.6

lasmin Santos Mendes

Arquitetura Monolítica vs Microserviços: uma análise comparativa

Monografia submetida ao curso de graduação em Engenharia de Software da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Engenharia de Software.

Trabalho aprovado. Brasília, DF, 11 de dezembro de 2019:

Dr. Renato Coral Sampaio
Orientador

Dr. Fernando William Cruz
Convidado 1

Dr. John Lenon Cardoso Gardenghi
Convidado 2

Brasília, DF
2019

*Dedico este trabalho a minha mãe, por sonhar e
me incentivar a chegar até aqui. E ao meu pai, por
todo o apoio e suporte dado durante esta caminhada.*

*Acreditamos no sonho e
construímos a realidade.*

Roberto Marinho

Resumo

Palavras-chave: Desenvolvimento de software. Escalabilidade. Estudo de caso. *Startup*.

Abstract

Key-words: Case study. Scalability. Software development. Startup.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Elementos que compõem a arquitetura de um software (RICHARDS; FORD, 2020)	27
Figura 2 – Estrutura básica de um monolítico (RICHARDS; FORD, 2020)	29
Figura 3 – Teoria vs Realidade de um monolítico (TILKOV, 2015)	30
Figura 4 – PAGINA 189 (??)	31
Figura 5 – Lei de Conway aplicada a uma arquitetura em camadas (LEWIS; FOWLER, 2014)	37
Figura 6 – Lei de Conway aplicada a uma arquitetura de microsserviços (LEWIS; FOWLER, 2014)	37
Figura 7 – Mapa mental do processo de síntese realizado sobre a arquitetura monolítica	48
Figura 8 – Mapa mental do processo de síntese realizado sobre a arquitetura de microsserviços	52
Figura 9 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura monolítica do sistema KN Login	56
Figura 10 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura monolítica da Otto	60
Figura 11 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura de microsserviços da Otto	61
Figura 12 – Fatores apresentados no caso de estudo da primeira arquitetura monolítica da Segment	66
Figura 13 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura de microsserviços da Segment	67

Lista de quadros

Quadro 1 – Definição da tabela de síntese	43
Quadro 2 – Arquitetura monolítica - síntese sobre o domínio do problema	44
Quadro 3 – Arquitetura monolítica - síntese sobre o tamanho da aplicação	44
Quadro 4 – Arquitetura monolítica - síntese sobre os recursos financeiros	44
Quadro 5 – Arquitetura monolítica - síntese sobre os recursos humanos	44
Quadro 6 – Arquitetura monolítica - síntese sobre esforço e tempo inicial	45
Quadro 7 – Arquitetura monolítica - síntese sobre escalabilidade	45
Quadro 8 – Arquitetura monolítica - síntese sobre tolerância a falhas	45
Quadro 9 – Arquitetura monolítica - síntese sobre confiabilidade	45
Quadro 10 – Arquitetura monolítica - síntese sobre performance	45
Quadro 11 – Arquitetura monolítica - síntese sobre o processo de <i>deploy</i>	46
Quadro 12 – Arquitetura monolítica - síntese da testabilidade	46
Quadro 13 – Arquitetura monolítica - síntese da comunicação	46
Quadro 14 – Arquitetura monolítica - síntese da heterogeneidade das tecnologias	46
Quadro 15 – Arquitetura monolítica - síntese sobre complexidade do sistema	47
Quadro 16 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre o domínio do problema	48
Quadro 17 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre o tamanho da aplicação	49
Quadro 18 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre os recursos financeiros	49
Quadro 19 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre os recursos humanos	49
Quadro 20 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre esforço e tempo inicial	49
Quadro 21 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre escalabilidade	49
Quadro 22 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre tolerância a falhas	50
Quadro 23 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre confiabilidade	50
Quadro 24 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre performance	50
Quadro 25 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre o processo de <i>deploy</i>	50
Quadro 26 – Arquitetura de microsserviços - síntese da testabilidade	51
Quadro 27 – Arquitetura de microsserviços - síntese da comunicação	51
Quadro 28 – Arquitetura de microsserviços - síntese da heterogeneidade das tecno- logias	51
Quadro 29 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre complexidade do sistema	51

Lista de abreviaturas e siglas

API Application Programming Interface.

DDD Domain-driven Design.

FIFO First in, First out.

MVC Model-View-Controller.

REST Representational State Transfer.

SOA Service Oriented-architecture.

TI Tecnologia da Informação.

UI User Interface.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	21
1.1	Justificativa	22
1.2	Objetivos	22
1.2.1	Objetivo Geral	22
1.2.2	Objetivos Específicos	22
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1	Arquitetura de Software	25
2.1.1	Leis da Arquitetura de Software	27
2.2	Sistemas monolíticos	28
2.2.1	Estrutura de um monolítico	29
2.3	Microserviços	30
2.4	Perspectivas a respeito de cada estilo arquitetural	32
2.4.1	Problemática a ser resolvida	32
2.4.2	Recursos necessários	33
2.4.2.1	Recursos financeiros	33
2.4.2.2	Recursos humanos	33
2.4.2.3	Esforço e tempo inicial	33
2.4.3	Características arquiteturais	34
2.4.3.1	Escalabilidade	34
2.4.3.2	Tolerância a falhas	34
2.4.3.3	Confiabilidade	35
2.4.3.4	Performance	35
2.4.4	Manutenibilidade	35
2.4.4.1	<i>Deploy</i>	35
2.4.4.2	Testabilidade	36
2.4.4.3	Comunicação	36
2.4.5	Evolucionabilidade	37
2.4.5.1	Heterogeneidade das tecnologias	37
2.4.5.2	Complexidade	38
3	METODOLOGIA	39
3.1	Objetos de análise	39
3.2	Ferramentas	39
3.3	Descrição das etapas	40
3.3.1	Etapa 1 - Levantamento teórico	40

3.3.2	Etapa 2 - Perspectivas	40
4	DESENVOLVIMENTO	43
4.1	Síntese das perspectivas teóricas	43
4.1.1	Síntese da arquitetura monolítica	44
4.1.2	Síntese da arquitetura de microsserviços	48
4.2	Análise dos casos de estudo	53
4.2.1	KN Login	53
4.2.1.1	Problemática da aplicação	54
4.2.1.2	Solução adotada	54
4.2.1.3	Panorama pós-adoção da solução	55
4.2.1.4	Análise sobre o caso de estudo	55
4.2.2	Otto	56
4.2.2.1	Problemática da aplicação	57
4.2.2.2	Solução adotada	57
4.2.2.3	Panorama pós-adoção da solução	58
4.2.2.4	Análise sobre o caso de estudo	59
4.2.3	Segment	61
4.2.3.1	Problemática da aplicação	62
4.2.3.2	Solução adotada	64
4.2.3.3	Panorama pós-adoção da solução	65
4.2.3.4	Análise sobre o caso de estudo	65
5	RESULTADOS	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	73

1 Introdução

Há cerca de 10 anos atrás, a Amazon e a Netflix se destacavam no mercado de software trazendo ao mundo uma tendência arquitetural: os microsserviços. A grande promessa era que essa arquitetura era capaz de prover escalabilidade, resiliência e diversos outros benefícios para os problemas comumente enfrentados pelas empresas com seus sistemas legados e monolíticos. Assim, dava-se início a uma nova corrida entre as empresas: Spotify, Coca Cola e muitos outros grandes nomes, começaram a migrar a sua arquitetura para esse novo padrão tão promissor ([KWIECIEŃ, 2019](#)).

10 anos após o início dessa grande tendência no mundo de software, têm se observado o movimento inverso: um crescente interesse em cima da arquitetura monolítica, em particular, dos monolíticos modulares ([GUIMARÃES; BRYANT, 2020](#)). A realidade é que muitas empresas têm se aventurado na arquitetura de microsserviços e se deparado com uma série de desafios além do que estavam preparadas para enfrentar. Nas palavras de [Fowler \(2015b\)](#):

Muitas equipes de desenvolvimento descobriram no estilo arquitetural dos microsserviços uma abordagem superior a uma arquitetura monolítica. Mas outras equipes descobriram que eles são um fardo que enfraquece a produtividade.¹ ([FOWLER, 2015b](#), tradução nossa)

Assim, nos deparamos com uma realidade na qual existe uma frustração antiga das empresas em trabalhar com a arquitetura monolítica devido as dificuldades de manutenção que eventualmente essa arquitetura acaba demonstrando, e que na tentativa de sair desses problemas e conquistar a modularidade e todos os outros benefícios oferecidos pelos microsserviços essas empresas acabam se frustrando novamente mediante os desafios desse estilo arquitetural.

Diante desta situação, o presente trabalho visa realizar uma análise comparativa entre os dois estilos arquiteturais, monolítico e microsserviços, com o intuito de compreender as diferenças entre cada estilo e quais são os fatores que influenciam, positivamente ou negativamente, cada uma dessas abordagens arquiteturais.

¹ Texto original: *Many development teams have found the microservices architectural style to be a superior approach to a monolithic architecture. But other teams have found them to be a productivity-sapping burden.*

1.1 Justificativa

No livro *Software Architecture in Practice*, os autores [Bass, Clements e Kazman \(2015\)](#) apresentam a arquitetura de software como a ponte capaz de auxiliar as empresas a atingirem seus objetivos de negócio. Objetivos estes que por diversas vezes tendem a ser bastante abstratos, cabendo a arquitetura de software o grande papel de concretizar esses objetivos em sistemas ([BASS; CLEMENTS; KAZMAN, 2015](#)).

Na intenção de construir essa ponte, frequentemente times de software se encontram ansiosos para adotar uma arquitetura de microsserviços levando aos seus sistemas as grandes vantagens que essa arquitetura é capaz de trazer, contudo o grande prêmio oferecido vêm acompanhado de vários custos e riscos que os desenvolvedores tendem a não considerar quando optam pela utilização de microsserviços ([FOWLER, 2015a](#)).

Do outro lado, a arquitetura monolítica, comumente adotada por diversas aplicações, é inicialmente simples e agradável de manter, mas tende a crescer a sua complexidade mediante a sua inerente característica de ser acoplada ([TILKOV, 2015](#)).

Diante deste contexto, o presente trabalho justifica-se por buscar esclarecer as diferenças entre ambos os estilos arquiteturais, monolítico e microsserviços, visando fornecer embasamento para equipes de desenvolvimento de software analisarem de forma mais consciente o contexto em que os projetos estão inseridos e como a escolha de determinado tipo arquitetural pode influenciar, positivamente ou negativamente, o alcance dos objetivos mencionados.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral realizar uma análise comparativa acerca dos estilos arquiteturais de software monolítico e microsserviços com o intuito de compreender as características de cada estilo e em quais contextos cada um é melhor aplicado. Para tal, pretende-se realizar uma pesquisa exploratória baseada em revisão bibliográfica e em relatos de casos reais nos quais empresas optaram por migrar de uma arquitetura monolítica para uma arquitetura de microsserviços ou vice-versa.

1.2.2 Objetivos Específicos

As seguintes metas foram levantadas visando atingir o objetivo geral do presente trabalho:

1. Compreender o que é arquitetura de software e como ela influencia as características

- dos sistemas de software;
2. Compreender o que é uma arquitetura monolítica e suas principais características;
 3. Compreender o que é uma arquitetura de microsserviços e suas principais características;
 4. Explorar diferentes visões apresentadas na bibliografia acerca de ambos os estilos arquiteturais;
 5. Explorar relatos de casos reais nos quais empresas optaram por migrar de uma arquitetura para a outra, com o intuito de compreender as dificuldades e vantagens encontradas por elas em cada estilo arquitetural;
 6. Entrevistar uma *startup* brasileira X que optou por realizar a migração de microsserviços para um sistema monolítico, compreendendo o porquê dessa decisão e como esta impactou a *startup*;
 7. Agrupar e classificar as informações obtidas por meio da revisão bibliográfica, dos relatos reais e da entrevista realizada, com o objetivo de analisar e comparar cada estilo arquitetural;
 8. Elencar quais são as características de cada estilo arquitetural e com base nelas compreender em quais contextos cada estilo arquitetural é melhor aplicado.

2 Fundamentação Teórica

Neste capítulo serão apresentadas as bases teóricas que permeiam o escopo do presente trabalho. Partindo do entendimento sobre o conceito de arquitetura de software e como ela reflete nos sistemas. Em seguida, abordando estilos de arquitetura de software pertinentes para o contexto estudado. As seções estão dispostas em:

1. **Arquitetura de software:** definição do termo arquitetura dentro da área de software e suas características.
2. **Sistemas monolíticos:** descrição, vantagens e desvantagens da arquitetura monolítica.
3. **Microserviços:** descrição, vantagens e desvantagens da arquitetura de microserviços.

2.1 Arquitetura de Software

Sistemas de software são construídos para satisfazer os objetivos de negócios das organizações. A arquitetura é a ponte entre esses objetivos (frequentemente abstratos) e o sistema resultante (concreto). Enquanto o caminho de objetivos abstratos para sistemas concretos possa ser complexo, a boa notícia é que a arquitetura de software pode ser projetada, analisada, documentada e implementada usando técnicas conhecidas que apoiarão a realização desses objetivos de negócios e missão. A complexidade pode ser domada, tornada tratável.¹ (BASS; CLEMENTS; KAZMAN, 2015, tradução nossa)

Como retratado na citação acima, arquitetura de software representa a ponte entre os sistemas construídos e os objetivos de cada organização. A publicação *What is your definition of software architecture?* do *Software Engineering Institute* da *Carnegie Mellon University* (SEI, 2017) apresenta uma variedade de diferentes conceitos a respeito de arquitetura de software abordados pela bibliografia, exemplificando a dificuldade existente

¹ Texto original: *Software systems are constructed to satisfy organizations' business goals. The architecture is a bridge between those (often abstract) business goals and the final (concrete) resulting system. While the path from abstract goals to concrete systems can be complex, the good news is that software architecture can be designed, analyzed, documented, and implemented using know techniques that will support the achievement of these business and mission goals. The complexity can be tamed, made tractable.*

em compreender o conceito de arquitetura dentro da área de [Tecnologia da Informação \(TI\)](#).

Segundo [Vogel et al. \(2011\)](#) arquitetura é um aspecto implícito com o qual os desenvolvedores são confrontados diariamente e que não pode ser ignorado ou eliminado, ainda que eles nem sempre tenham consciência sobre a sua constante presença.

[Bass, Clements e Kazman \(2015\)](#) traz a seguinte definição a respeito de arquitetura de software:

A arquitetura de software de um sistema é o conjunto de estruturas necessárias para raciocinar sobre o sistema, que compreende os elementos do software, as relações entre eles e as propriedades de ambos. ² ([BASS; CLEMENTS; KAZMAN, 2015](#), tradução nossa)

Com base nessa abordagem, os autores defendem que os sistemas de software são compostos por diversas estruturas e elementos, por como essas estruturas se relacionam entre si e pelas propriedades que os caracterizam. Assim, a arquitetura se torna uma abstração do sistema, destacando aspectos desejados do mesmo e omitindo outros aspectos, com o intuito de minimizar a complexidade com a qual o compreendemos.

A [Figura 1](#) apresenta uma segunda visão abordada por [Richards e Ford \(2020\)](#) a respeito de arquitetura. Nessa abordagem eles defendem quatro dimensões as quais definem o que é arquitetura de software. A primeira dimensão consiste nas estruturas: serviços, camadas e módulos são exemplos de conceitos abarcados por esse ponto, todavia, para eles descrever a arquitetura por meio de estruturas não é suficiente para contemplar todo o escopo acerca de arquitetura de software. Diante desta problemática, eles introduzem os conceitos de características, decisão e princípios de design referentes a arquitetura.

As características da arquitetura, por sua vez, referem-se aos critérios de sucesso do sistema, trazendo pontos como disponibilidade, confiabilidade, segurança, etc., os quais são anteriores e independentes ao conhecimento acerca das funcionalidades que o software implementará.

O terceiro aspecto apresentado pelos autores consiste nas decisões de arquitetura responsáveis por definir as regras sob as quais o sistema deve ser construído. Isto diz ao time de desenvolvimento o que ele pode ou não fazer. A exemplo, em uma arquitetura [Model-View-Controller \(MVC\)](#)³, a *View* é impossibilitada de consumir dados da *Model*, e cabe aos desenvolvedores garantir que isso seja respeitado.

² Texto original: *The software architecture of a system is the set of structures needed to reason about the system, which comprise software elements, relations among them, and properties of both.*

³ *Model-View-Controller (MVC)* consiste em um estilo arquitetural adotado por várias aplicações. A *Model* representa a camada de dados, a *View* a camada de apresentação e a *Controller* é a camada de lógica ([MCGOVERN et al., 2004](#)).

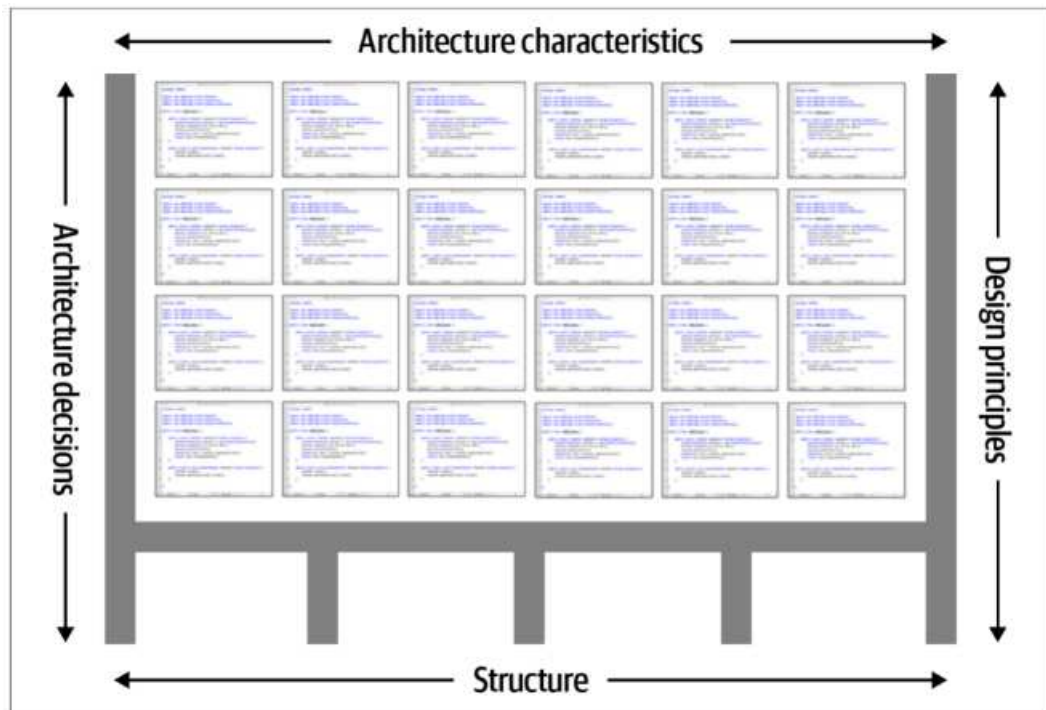


Figura 1 – Elementos que compõem a arquitetura de um software (RICHARDS; FORD, 2020)

Por fim, a última dimensão refere-se aos princípios de design. Estes consistem em um guia pelo o qual os desenvolvedores podem se orientar quando for necessário tomar alguma decisão. Diferentemente das decisões de arquitetura que devem ser sempre seguidas afim de garantir as características desejadas para a arquitetura, os princípios trazem maior flexibilidade e autonomia para o desenvolvedor, podendo este analisar o contexto do problema em mãos e decidir se seguir os princípios é a melhor abordagem para a funcionalidade desenvolvida, ou se deve seguir por um caminho diferente o qual ele julgue que os ganhos são maiores para a aplicação.

2.1.1 Leis da Arquitetura de Software

Tudo em arquitetura de software é um *trade-off*. Primeira Lei da Arquitetura de Software

Por que é mais importantes do que como. Segunda Lei da Arquitetura de Software

⁴ (RICHARDS; FORD, 2020, tradução nossa)

As leis acima foram apresentadas recentemente por Richards e Ford (2020) no livro *Fundamentals of Software Architecture: An Engineering Approach* e trazem consigo

⁴ Texto original: *Everything in software architecture is a trade-off. First Law of Software Architecture. Why is more important than how. Second Law of Software Architecture.*

perspectivas importantes para compreender o que é arquitetura de software dentro do dia a dia dos engenheiros de software e como os mesmos devem lidar com ela.

A Primeira Lei da Arquitetura de Software descreve a realidade do arquiteto de software, o qual precisa lidar constantemente com conflitos de escolha. O papel do arquiteto está intrinsecamente ligado a análise da situação e a tomada de decisão sobre qual caminho seguir. Para tal, é necessário que o mesmo esteja alinhado com uma série de fatores, como práticas de engenharia, *DevOps*⁵, processos, negócio, etc (RICHARDS; FORD, 2020).

A segunda lei traz uma perspectiva que por diversas vezes é ignorada, na qual tendemos a olhar para a topologia dos sistemas, observando suas estruturas e como estas se relacionam, e não damos a devida atenção ao porquê das decisões arquiteturais tomadas (RICHARDS; FORD, 2020).

Nesse sentido, o ponto defendido pelos autores busca olhar o porquê certas decisões são tomadas mediante os *trade-offs* enfrentados.

2.2 Sistemas monolíticos

A visão inicial a respeito da Arquitetura Monolítica refere-se a um padrão de desenvolvimento de software no qual um aplicativo é criado com uma única base de código, um único sistema de compilação, um único binário executável e vários módulos para recursos técnicos ou de negócios. Seus componentes trabalham compartilhando o mesmo espaço de memória e recursos formando uma unidade de código coesa (SAKOVICH, 2017).

Newman (2019b) expande um pouco dessa visão, saindo da ideia de uma única base de código coesa e adotando a perspectiva de uma única unidade de *deploy*. Essa abordagem permite a ele distinguir os seguintes tipos de monolíticos:

Monolítico com um único processo é o tipo mais comum de monolíticos e refere-se fundamentalmente a existência de um único processo executando toda a base de código. Vale ressaltar que dentro desta classificação existe ainda um subconjunto de monolíticos modulares nos quais têm-se cada módulo trabalhando de forma independente um do outro, mas ainda com a necessidade de implantar uma única unidade de código.

Monolítico distribuído são sistemas compostos por múltiplos serviços mas que precisam ser implantados juntos. Nas palavras de Newman (2019b):

⁵ *DevOps* é um movimento cultural que altera como indivíduos pensam sobre o seu trabalho, dando suporte a processos que aceleram a entrega de valor pelas empresas ao desenvolverem práticas sustentáveis de trabalho (DAVIS; DANIELS, 2016).

Um monolítico distribuído pode muito bem atender a definição de uma [Service Oriented-architecture \(SOA\)](#)⁶, mas muitas vezes falha em cumprir as promessas do padrão.⁷ ([NEWMAN, 2019b](#), tradução nossa)

Sistemas caixa preta de terceiros também são abordados por [Newman \(2019b\)](#) como sendo monolíticos, uma vez que não é possível decompor os esforços referente a uma migração.

2.2.1 Estrutura de um monolítico

A arquitetura monolítica é um padrão de fácil compreensão que permite as empresas desfrutar de forma branda dos processos de construção e implantação de sistemas de software no início dos projetos. Esse modelo arquitetural é caracterizado por ser tecnicamente particionado ([RICHARDS; FORD, 2020](#)), ou seja, seus componentes (classes, métodos, etc.) estão agrupados por sua função técnica dentro do sistema. Na [Figura 2](#), podemos ver essa organização na qual temos:

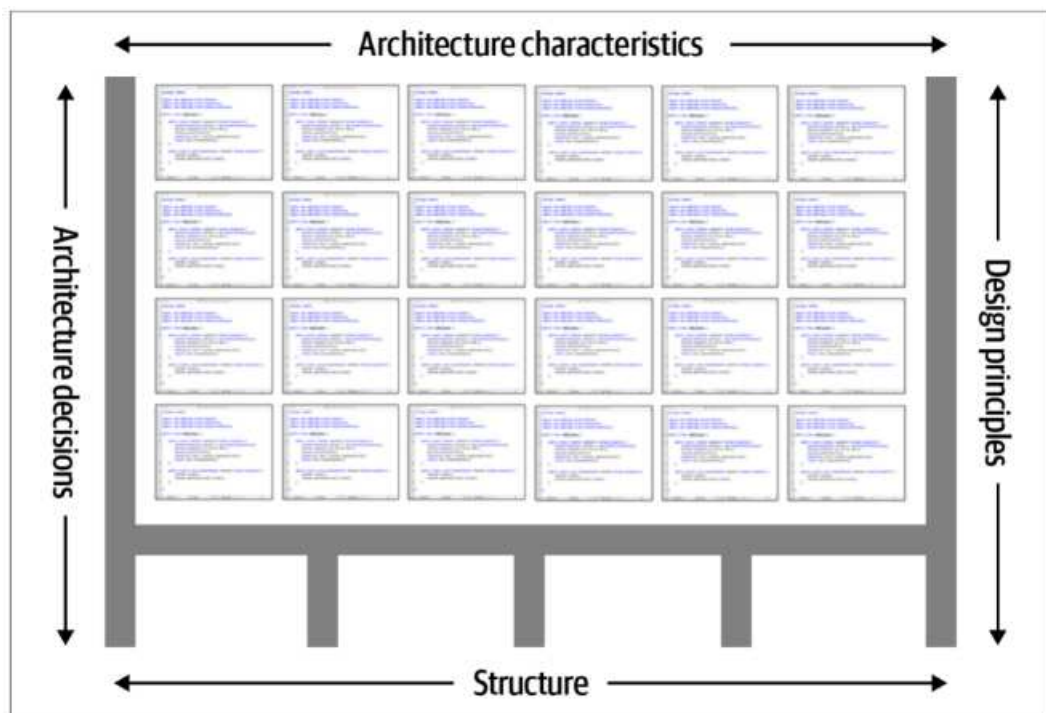


Figura 2 – Estrutura básica de um monolítico ([RICHARDS; FORD, 2020](#))

Camada de apresentação destinada a apresentação dos dados;

⁶ A Arquitetura orientada a serviço - SOA é uma abordagem arquitetural na qual vários serviços trabalham juntos para entregar um conjunto de funcionalidades. ([NEWMAN, 2015](#))

⁷ Texto original: *A distributed monolithic may well meet the definition of a service oriented-architecture, but all too often fails to deliver on the promises of SOA.*

Camada de negócios destinada a implementação das regras de negócio da aplicação;

Camada de persistência destinada a comunicação com o banco de dados;

Camada de dados destinada aos armazenamentos dos dados.

Tilkov (2015) defende que essa arquitetura é um modelo essencialmente acoplado, no qual as abstrações que compõe o sistema compartilham de todos os mesmos recursos da aplicação: bibliotecas, canais de comunicação dentro do próprio processo, modelos de persistência no banco de dados, etc. A Figura 3 exemplifica como mesmo no modelo modularizado é fácil ultrapassar os limites definidos para cada módulo visto que não há barreiras técnicas que impeçam os desenvolvedores de tal. Dessa forma, garantir as características de alta coesão e baixo acoplamento, tão desejadas na manutenibilidade dos softwares, se torna uma tarefa difícil dependendo exclusivamente da disciplina dos desenvolvedores (TILKOV, 2015; FOWLER, 2015b).

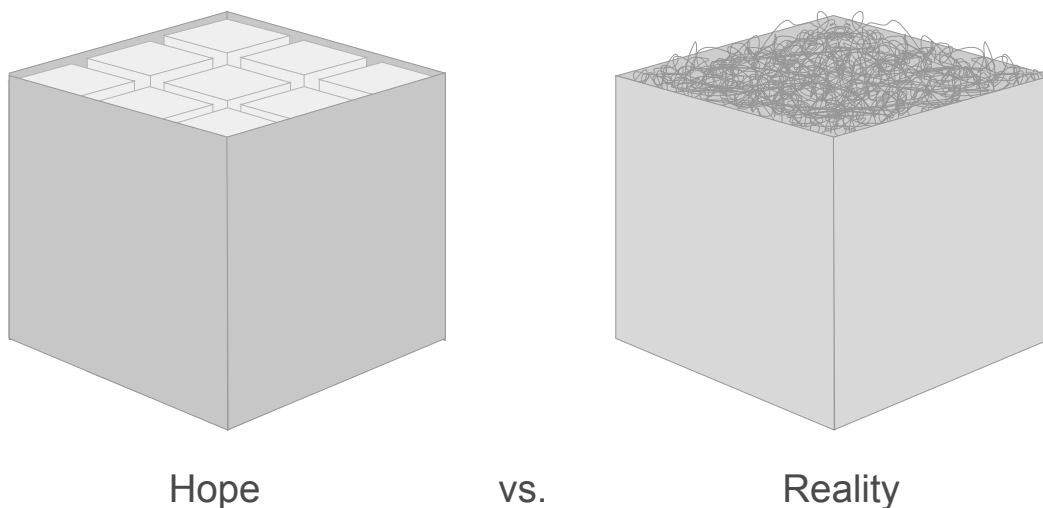


Figura 3 – Teoria vs Realidade de um monolítico (TILKOV, 2015)

A Figura 4 aprofunda ainda mais nesse contexto da arquitetura monolítica, mostrando a tendência de compartilhar componentes, a exemplo classes de *log*, classes com funções compartilhadas por todo o sistema, etc., transparecendo como a reusabilidade do código dentro de sistemas monolíticos tende a aumentar o acoplamento entre seus componentes (RICHARDS; FORD, 2020).

2.3 Microserviços

Segundo Richards e Ford (2020), microserviços é um estilo arquitetural fortemente inspirado nas ideias de **Domain-driven Design (DDD)**, trazendo deste design o conceito de limites de contexto. Esses limites referem-se a um domínio sob o qual estão entidades e comportamentos que podemos desacoplar do restante do sistema. Assim, diferentemente

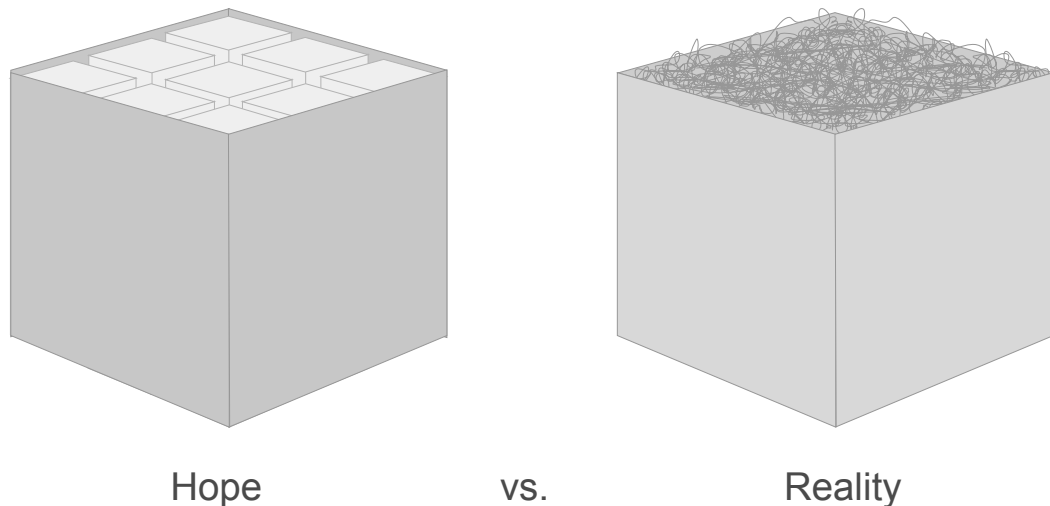


Figura 4 – PAGINA 189 (??)

da arquitetura monolítica que é organizada por atribuições técnicas, os microserviços trazem em sua estrutura um reflexo de como o contexto é organizado no mundo real.

Essa abordagem torna os microserviços pequenas partes autônomas que trabalham juntas em cima de uma base de código coesa e focada em resolver as regras de negócio dentro do domínio especificado (NEWMAN, 2015). Dessa forma, a aplicação deixa de ser um único processo e se torna um conjunto de processos separados e independentes, se comunicando por meio de algum protocolo, comumente [Representational State Transfer \(REST\)](#) (LEWIS; FOWLER, 2014).

Um dos grandes benefícios proporcionados por esta arquitetura são os limites impostos por cada serviço, os quais trazem maiores garantias sobre alta coesão, baixo acoplamento e modularização do sistema do que os modelos arquiteturais mais tradicionais (FOWLER, 2015b). Outra característica que contribui para tal é que nesse padrão a duplicação do código é, em diversas situações, preferível a reutilização do mesmo, visto que apesar do reuso de código ser algo benéfico, ele favorece o acoplamento por meio de herança e composição (RICHARDS; FORD, 2020).

Todas essas vantagens oferecidas pelos limites de domínio, fazem com que a escolha cuidadosa sobre quais são esses limites seja de grande importância para o sistema. Nas palavras de Newman (2015):

Sem desacoplamento, tudo pode desabar. A regra de ouro: você pode alterar um serviço e implantá-lo sozinho sem alterar nada mais? Se a resposta for não, então será difícil pra você alcançar muitas das vantagens que discutiremos ao longo deste livro.⁸ (NEWMAN, 2015, tradução nossa)

⁸ Texto original: *Without decoupling, everything breaks down for us. The golden rule: can you make a change to a service and deploy it by itself without changing anything else? If the answer is no, then many of the advantages we discuss throughout this book will be hard for you to achieve.*

Fowler (2015b) ainda ressalta que os microsserviços utilizam de um sistema distribuído para prover toda essa modularidade, e como tal, acabam trazendo junto todas as desvantagens deste modelo, principalmente, a complexidade.

2.4 Perspectivas a respeito de cada estilo arquitetural

Esta seção visa aprofundar no entendimento sobre as vantagens e desafios encontrados na adoção de cada um dos estilos arquiteturais abordados nesse trabalho. Para tal, será explorado as seguintes perspectivas⁹ com o intuito de compreender como a escolha da arquitetura impacta ou é impactada pelas mesmas:

1. Problemática a ser resolvida;
2. Recursos necessários
3. Características arquiteturais;
4. Manutenibilidade;
5. Evolucionabilidade.

2.4.1 Problemática a ser resolvida

Ao iniciar um projeto é comum se ter um baixo domínio sobre o problema a ser resolvido. A exemplo, as denominadas *startups* estão continuamente surgindo no mercado com o intuito de descobrir e validar suas ideias. Contextos como este trazem as empresas a necessidade de realizar constantes alterações de forma extremamente rápida no sistema visando atingir um curto ciclo de *feedback*.

Fowler (2015c) defende que construir uma versão simplista do seu software é a melhor forma de descobrir o sistema e validar se ele é realmente útil para os seus usuários. Assim, ele sugere a estratégia "monolítico primeiro", uma vez que a arquitetura monolítica permite um desenvolvimento fácil por ser de conhecimento da maioria dos desenvolvedores de software e apresentar baixa complexidade para a execução de tarefas como *deploy*, confecção de testes e compartilhamento do código.

Fowler (2015c) e Newman (2019a) fortalecem essa visão apontando que conhecer os limites do seu software é de extrema importância antes de iniciar uma arquitetura de microsserviços. De forma que os custos e impactos de errar os limites de cada serviço nessa arquitetura tendem a ser muito maiores do que em um software monolítico mal projetado por não conhecer muito bem o domínio do problema.

⁹ Na subseção 3.3.2 a proposta de cada perspectiva adotada é explicada.

Um outro ponto a ser considerado na problemática da aplicação refere-se ao tamanho que essa aplicação terá. [Richards e Ford \(2020\)](#) apontam que a arquitetura monolítica é uma arquitetura de menor custo portanto costuma ser uma boa escolha para sistemas pequenos.

2.4.2 Recursos necessários

2.4.2.1 Recursos financeiros

De acordo com [Richards e Ford \(2020\)](#), a simplicidade da arquitetura monolítica reflete em seu baixo custo de desenvolvimento e manutenção. Diferentemente, de uma arquitetura de microsserviços que exige uma série de fatores: monitoramento, replicação, expertise sobre as ferramentas, etc., fazendo com o que o custo para desenvolver e manter tal arquitetura seja elevado. Mediante essa visão, os autores indicam o uso desse modelo para empresas de grande porte, enquanto que empresas pequenas tendem a lhe dar melhor com monolíticos.

2.4.2.2 Recursos humanos

Na seção [subseção 2.4.1](#), nós enfatizamos a importância de conhecer os limites da sua aplicação antes de optar por uma arquitetura de microsserviços. Isso nos leva a uma outra necessidade desse estilo arquitetural, referente a relevância de possuir alguém na equipe que detenha esse conhecimento aprofundado acerca do negócio e da problemática abordada. No texto *Microservices For Greenfield?*, [Newman \(2019a\)](#) relata um projeto no qual eles estavam reimplementando um sistema que já existia há muitos anos, mas com uma equipe relativamente nova, ou seja, apesar do domínio de negócio ter sido explorado por um bom tempo, eles não possuíam a expertise necessária para a construção da aplicação de forma distribuída.

Nesse contexto, [Newman \(2019a\)](#) indica a adoção de uma arquitetura monolítica como uma melhor opção uma vez que, como citado na [subseção 2.4.1](#), este estilo arquitetural é indicado para contextos nos quais não se possui domínio e, para completar, apresenta a vantagem de ser uma arquitetura familiar para boa parte dos desenvolvedores ([RICHARDS; FORD, 2020](#)), dessa forma, ele se diferencia de uma arquitetura de microsserviços por não precisar de um especialista sobre a tecnologia e sobre o contexto.

2.4.2.3 Esforço e tempo inicial

O tempo de lançamento no mercado costuma ser um fator prioritário para diversas empresas, em geral, elas desejam lançar o produto no menor tempo possível, seja para validar a ideia, como vimos na [subseção 2.4.1](#), ou por uma questão estratégica de mercado.

Nesse sentido, Fowler (2015a) aponta que a arquitetura de microsserviços consegue entregar uma série de recompensas (escalabilidade, tolerância a falhas, etc.) contudo, essas recompensas vêm acompanhada do alto custo que é inerente dos sistemas distribuídos. Esse modelo arquitetural necessita de *deploy* automatizado, monitoramento, lidar com eventuais inconsistências dos dados e outros fatores que acabam contribuindo para aumentar o tempo e o esforço inicial necessário para lançar um produto no mercado. Nas palavras de Richards e Ford (2020):

Microsserviços não poderiam existir sem a revolução *DevOps* e a implacável marcha em direção à automação de questões operacionais.¹⁰ (RICHARDS; FORD, 2020, tradução nossa)

Por outro lado, a simplicidade da arquitetura monolítica permite que funcionalidades cheguem muito mais rápido no mercado, uma vez que nesse modelo não há tais necessidades e processos como *deploy* podem ser realizados de maneira operacional. Contudo, vale ressaltar que essa alta produtividade inicial tende a decrescer com o tempo, a medida que o monolítico vai ganhando mais funcionalidades e, consequentemente, aumentando a sua complexidade.

2.4.3 Características arquiteturais

2.4.3.1 Escalabilidade

A arquitetura monolítica pode ser escalada horizontalmente utilizando de um *load balancer*¹¹ para executar várias instâncias do sistema (LEWIS; FOWLER, 2014). Entretanto, a escalabilidade oferecida por essa arquitetura é bastante limitada. A falta de modularidade exige que toda a aplicação seja replicada ao invés de replicarmos somente as funções que apresentam maior demanda. Existe a possibilidade de aplicar técnicas que amenizam esse problema, contudo, isto requer um esforço considerável para adaptar o modelo arquitetural (RICHARDS; FORD, 2020).

No caso dos microsserviços, a escalabilidade é um fator predominante mediante a sua estrutura altamente desacoplada que favorece a escalabilidade em um nível incremental. Essa característica é ainda apoiada pelas técnicas modernas de provisionamento de recursos que beneficiam a elasticidade do estilo arquitetural (RICHARDS; FORD, 2020).

2.4.3.2 Tolerância a falhas

O padrão arquitetural monolítico não suporta tolerância a falhas visto que se algo inesperado acontece em uma determinada parte do código, como uma leitura de memória

¹⁰ Texto original: *Microservices couldn't exist without the DevOps revolution and the relentless march toward automating operational concerns.*

¹¹ DESCREVER

inválida, essa falha se propaga até matar o processo no qual roda todo o código monolítico, indisponibilizando a aplicação por inteiro, a qual pode levar em média, dependendo do tamanho do monolítico, de de 2 a 15 minutos para ser reiniciada (RICHARDS; FORD, 2020).

Do outro lado, os microsserviços naturalmente apresentam aspectos positivos em relação a tolerância a falhas uma vez que uma falha em um serviço tende a impactar somente uma parte da aplicação. Richards e Ford (2020) fazem uma ressalva que essa tolerância pode decair se houver muita dependência comunicativa entre os serviços, por isso definir cuidadosamente a granularidade do serviço é um ponto que deve bem avaliado.

2.4.3.3 Confiabilidade

A arquitetura monolítica quando comparada a uma arquitetura distribuída, como microsserviços, tende a apresentar maior confiabilidade uma vez que esta não possui os problemas de conexão da rede, largura de banda e latência que os mesmos apresentam. Contudo, como será abordado na subseção 2.4.4.2, a testabilidade é um problema desse modelo arquitetural e consequentemente isso decresce a confiabilidade do sistema (RICHARDS; FORD, 2020).

2.4.3.4 Performance

A característica desacoplada dos microsserviços traz consigo um enorme número de requisições sendo disparadas na rede juntamente com várias camadas adicionais de segurança na comunicação entre os serviços, o que faz com que o tempo de processamento cresça, tornando este um modelo arquitetural de baixa performance (RICHARDS; FORD, 2020).

A característica simplista dos monolíticos também não contribui nesse quesito. Segundo Richards e Ford (2020), a arquitetura monolítica não é por si mesma uma arquitetura de alta performance, exigindo esforço dos engenheiros para proporcionar tal fator para a aplicação por meio de desenvolvimento paralelo, *multithreading*, etc.

2.4.4 Manutenibilidade

2.4.4.1 Deploy

Na seção 2.2 foi apresentado como monolíticos são em sua essência uma unidade de *deploy*. No início do projeto, esta característica contribui com a simplicidade e a velocidade em lançar o sistema, como relatado na subseção 2.4.2.3. Porém, a medida que a base de código do monolítico cresce, compilar e implantar toda a base de código a fim de disponibilizar uma alteração tende a se tornar um processo árduo, fazendo com que seja difícil e demorado disponibilizar as mudanças realizadas no sistema (LEWIS; FOWLER,

2014). Para completar o quadro, o *deploy* de uma versão da aplicação monolítica com um *bug*, por exemplo, acresce os riscos dessa alteração atingir o banco de dados ou alguma outra parte do sistema, torando a reversão do impacto do processo de implantação mais difícil (RICHARDS; FORD, 2020).

Os microsserviços apresentam o caminho inverso: inicialmente eles exigem mais esforços para implantar, visto que é necessário automatizar todas as partes do fluxo de implantação, todavia, uma vez que os processos estão automatizados, disponibilizar mudanças no sistema se torna uma tarefa fácil e rápida. Essa abordagem se caracteriza por somente uma parte do código ser enviada para produção, minimizando os impactos que possam ocorrer ao disponibilizar a funcionalidade.

2.4.4.2 Testabilidade

A testabilidade de uma arquitetura monolítica é apontada por Richards e Ford (2020) como um ponto fraco nesse estilo arquitetural. Os autores defendem que este é um aspecto que decresce a medida que a complexidade do sistema aumenta e, dessa forma, desenvolvedores ao fazerem uma pequena modificação tendem a não executar toda a *suíte* de testes devido ao alto custo de tempo para tal.

Já para uma arquitetura de microsserviços, eles consideram a testabilidade um ponto positivo, visto que cada serviço pode ser testado facilmente dentro do seu domínio. Lewis e Fowler (2014) ressaltam que a base desse modelo arquitetural são os limites de domínio de cada serviço, e para tal é importante coordenar qualquer mudança nas interfaces de comunicação adicionando camadas extras de compatibilidade de versões, o que acaba tornando o processo de testes mais difícil.

2.4.4.3 Comunicação

Qualquer organização que projeta um sistema (definido de forma mais ampla aqui do que apenas sistemas de informação) produzirá inevitavelmente um projeto cuja estrutura é uma cópia da estrutura de comunicação da organização.¹² (CONWAY, 1968, tradução nossa)

Lewis e Fowler (2014) faz uma menção a Lei de Conway apresentada acima, exemplificando-a na Figura 5 como essa arquitetura em camadas reflete a organização das empresas. Eles apontam que essa estrutura deixa a comunicação dentro do projeto mais lenta, de forma que mudanças simples no sistema podem demorar bastante devido a dependência de uma equipe externa.

¹² Texto original: *Any organization that designs a system (defined more broadly here than just information systems) will inevitably produce a design whose structure is a copy of the organization's communication structure.*

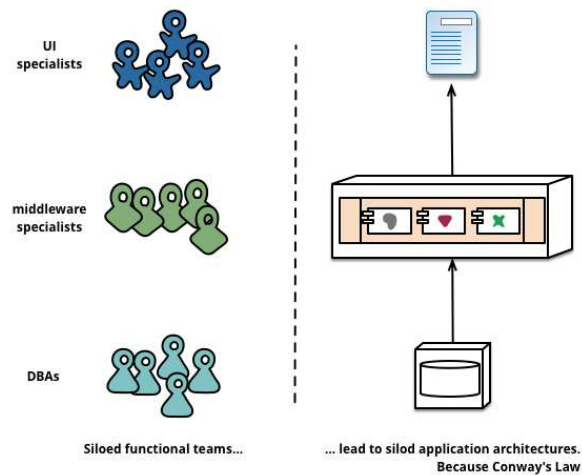


Figura 5 – Lei de Conway aplicada a uma arquitetura em camadas (LEWIS; FOWLER, 2014)

Quando olhamos para essa estrutura organizacional dentro da arquitetura de microserviços, [Figura 6](#), a essência desta arquitetura de ser particionada por domínio do negócio e não por suas características técnicas é refletida gerando times multifuncionais, de forma que a equipe possua toda a gama de habilidades necessárias (LEWIS; FOWLER, 2014).

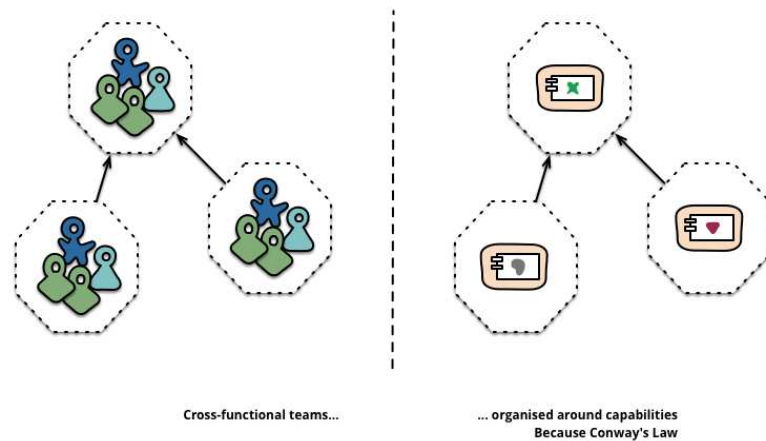


Figura 6 – Lei de Conway aplicada a uma arquitetura de microserviços (LEWIS; FOWLER, 2014)

2.4.5 Evolucionabilidade

2.4.5.1 Heterogeneidade das tecnologias

Tradicionalmente, as empresas padronizam a *stack* de tecnologias com a qual trabalham. Na arquitetura monolítica esse fator acaba se tornando algo enraizado no sistema devido a sua característica inerente de ser uma arquitetura acoplada, fazendo com que a

adoção de tecnologias diferentes para cada problema, ou mesmo a migração do sistema para uma tecnologia mais atual seja um processo bastante árduo.

Os microsserviços já apresentam a característica oposta de serem em sua essência altamente desacoplados. Isso permite aos engenheiros de software escolherem a melhor tecnologia para escalar a solução de acordo com problema abordado (RICHARDS; FORD, 2020).

2.4.5.2 Complexidade

Como abordado na seção 2.2, a arquitetura monolítica é naturalmente uma arquitetura simplista, de conhecimento da grande maioria de desenvolvedores, o que faz com que a sua complexidade no início de um projeto seja extremamente baixa. Contudo, existe uma tendência nessa arquitetura de promover o acoplamento e consequentemente aumentar a complexidade do sistema. Mesmo em monolíticos modularizados, é extremamente difícil evitar a criação de conexões entre os módulos (TILKOV, 2015), fazendo com o que a medida que cresce a base de código o sistema vá perdendo os benefícios de ser uma arquitetura simplista.

Do outro lado, os microsserviços apresentam uma arquitetura distribuída e naturalmente isso vêm acompanhado da complexidade de coordenar todas essas partes independentes que o compõem para prover a funcionalidade final. Juntamente com esse contexto vêm as necessidades de monitorar e automatizar os processos que tornam ainda mais árdua tal tarefa.

Apesar dessa perspectiva global da complexidade dos microsserviços, existe também uma perspectiva local, referente ao domínio de um único serviço, na qual nota-se uma baixa complexidade mediante a as características de alta coesão, baixo acoplamento e limite de domínio sobre as quais cada serviço é imposto. Isso faz dos microsserviços complexos quando olhamos globalmente para eles, mas simplistas quando olhamos localmente, de forma que é fácil para os desenvolvedores lidar com os *trade-offs* de cada serviço.

3 Metodologia

Com o propósito de atingir o objetivo descrito na [subseção 1.2.1](#), o presente trabalho realizou uma pesquisa exploratória acerca do tema abordado juntamente com a análise de alguns casos práticos de empresas que fizeram a migração de uma arquitetura monolítica para uma arquitetura de microsserviços, ou vice e versa. Assim, o desenvolvimento deste estudo baseou-se nas seguintes etapas:

Etapla 1 Levantamento teórico inicial acerca dos objetos de análise diante dos referências teóricos adotados;

Etapla 2 Fichamento e agrupamento dos pontos de vista descobertos na Etapa 1, afim de encontrar as perspectivas comuns e divergentes entre os autores estudados;

Etapla 3 Síntese acerca dos aspectos levantados sobre cada estilo arquitetural;

Etapla 4 Descrição dos casos de estudo relevantes para o tema;

Etapla 5 Análise dos casos de estudo diante das perspectivas teóricas levantadas;

Etapla 6 Análise final comparando os dois modelos arquiteturais com base nos referências teóricos adotados e nos casos práticos estudados.

A seguir serão apresentados os objetos de análise, as ferramentas utilizadas e a descrição de cada etapa adotada.

3.1 Objetos de análise

Os objetos de análise pertinentes para o presente estudo consistem em:

Arquitetura monolítica: estilo arquitetural tradicionalmente adotado em diversas empresas, no qual se detém uma base única de código.

Arquitetura de microsserviços: estilo arquitetural distribuído, largamente adotado nos últimos anos por diversas empresas.

3.2 Ferramentas

As ferramentas utilizadas para auxiliar na confecção do presente estudo foram:

Miro editor gráfico online que permite a construção de diagramas, mapa mentais, entre outros recursos gráficos relevantes ao conteúdo apresentado;

Google Planilhas ferramenta para construção de tabelas.

Trello quadro interativo que auxilia na organização de projetos utilizando do modelo Kanban.

3.3 Descrição das etapas

3.3.1 Etapa 1 - Levantamento teórico

A fundamentação teórica deste trabalho visou explorar os temas de arquitetura de software, estilo arquitetural monolítico e estilo arquitetural de microsserviços por meio de livros, Google Scholar e outras fontes de informação. Os tópicos abordados foram selecionados com base na sua respectiva relevância dentro do assunto estudado e tiveram embasamento principalmente nos autores Martin Fowler, Sam Newman, Mark Richards e Neal Ford, dentre outros.

3.3.2 Etapa 2 - Perspectivas

Mediante a fundamentação teórica construída na Etapa 1, levantou-se os principais pontos acerca dos estilos arquiteturais abordados que eram tratados pelos autores estudados, para tal utilizou-se da ferramenta Trello com o intuito de organizar os referências teóricos e destacar o ponto de vista de cada autor. A partir daí, utilizou-se *post-its* para agrupar pontos de vista em comum entre os autores e classificar quais eram os aspectos positivos e negativos de cada arquitetura.

Diante dos agrupamentos formados, levantou-se a definição de **perspectivas** para o presente estudo, as quais referem-se a formas diferentes de olhar para a arquitetura. Assim, elencou-se as seguintes perspectivas:

Problemática a ser resolvida: fatores que influenciam o sistema sob a perspectiva do problema e do contexto no qual a aplicação está sendo construída;

Recursos necessários: fatores que influenciam o sistema sob a perspectiva de quais recursos: financeiro, humano e tempo, são necessários para o desenvolvimento de uma aplicação nos modelos arquiteturais analisados;

Características arquiteturais: fatores que influenciam o sistema sob a perspectiva de capacidade da arquitetura de prover algum aspecto que possa ser relevante para a empresa, como escalabilidade;

Manutenibilidade: fatores que influenciam o sistema sob a perspectiva cotidiana de manutenção de cada modelo arquitetural, como processos rotineiros de *deploy* e integração contínua e comunicação das equipes;

Evolucionabilidade: fatores que influenciam o sistema sob a perspectiva de tomada de decisão dentro de cada modelo arquitetural.

Nota-se que a fundamentação teórica foi apresentada sob a organização dessas perspectivas com o intuito de facilitar a compreensão do presente estudo.

4 Desenvolvimento

Esta seção tem por propósito apresentar a pesquisa elaborada a respeito dos estilos arquiteturais abordados no presente trabalho. O escopo deste capítulo abrangerá o estudo feito sobre os objetos de análise referidos na [SECAO DA METODOLOGIA AQUI](#), os aspectos levantados sobre cada arquitetura e análise comparativa realizada.

As seções estão dispostas em:

1. **Síntese das perspectivas teóricas** síntese a respeito das informações coletadas nos referenciais teóricos sobre cada arquitetura;
2. **Relatos de alguns casos reais:** detalhamento sobre as experiências de algumas empresas que optaram por fazer a migração de uma arquitetura monolítica para uma arquitetura de microsserviços ou vice-versa.
3. **Análise comparativa**

4.1 Síntese das perspectivas teóricas

O presente tópico visa apresentar a síntese das perspectivas abordadas na [seção 2.4](#) da fundamentação teórica com o intuito de esclarecer os pontos-chaves presentes em cada arquitetura. Para tal, organizou-se os temas discutidos na fundamentação teórica no seguinte modelo de quadro, avaliando os respectivos pontos presentes:

Quadro 1 – Definição da tabela de síntese

Estilo arquitetural	Estilo arquitetural em análise.
Perspectiva	Ponto de vista sob o qual a arquitetura está sendo analisada.
Aspecto	Quais aspectos impactam a arquitetura dentro daquela perspectiva.
Impacto	Qual o impacto que um dado aspecto causa em relação a arquitetura.
Causa	Qual fator presente na natureza daquela arquitetura é responsável por gerar o dado impacto.
Fatores adversos	Fatores que podem ser trabalhados com o intuito de minimizar o impacto.
Constância	Tendência do impacto a aumentar ou diminuir a medida que a base de código.
Embasamento	Seção da fundamentação teórica que dado aspecto é discutido.

4.1.1 Síntese da arquitetura monolítica

Quadro 2 – Arquitetura monolítica - síntese sobre o domínio do problema

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	da problemática a ser resolvida
mediante o aspecto	de domínio sobre o problema
gera um impacto	positivo se o domínio sobre o contexto é baixo
devido à	arquitetura simplista
com base na	subseção 2.4.1

Quadro 3 – Arquitetura monolítica - síntese sobre o tamanho da aplicação

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	da problemática a ser resolvida
mediante o aspecto	do tamanho planejado para a aplicação
gera um impacto	positivo se a aplicação é pequena
devido à	arquitetura simplista e a simplicidade dos processos operacionais
com base na	subseção 2.4.1

Quadro 4 – Arquitetura monolítica - síntese sobre os recursos financeiros

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	recursos necessários
mediante o aspecto	de recursos financeiros
gera um impacto	baixo custo
devido à	arquitetura simplista e a simplicidade dos processos operacionais
com base na	subseção 2.4.2.1

Quadro 5 – Arquitetura monolítica - síntese sobre os recursos humanos

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	recursos necessários
mediante o aspecto	de recursos humanos
gera um impacto	não necessitar de expertise sobre as tecnologias
devido à	arquitetura simplista e a simplicidade dos processos operacionais
com base na	subseção 2.4.2.2

Quadro 6 – Arquitetura monolítica - síntese sobre esforço e tempo inicial

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	recursos necessários
mediante o aspecto	esforço e tempo inicial
gera um impacto	baixo esforço inicial e rápido lançamento no mercado
devido à	arquitetura simplista e a simplicidade dos processos operacionais
com base na	subseção 2.4.2.3

Quadro 7 – Arquitetura monolítica - síntese sobre escalabilidade

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	da escalabilidade
gera um impacto	de escalabilidade limitada
devido à	baixa modularidade da arquitetura
com base na	subseção 2.4.3.1

Quadro 8 – Arquitetura monolítica - síntese sobre tolerância a falhas

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	de tolerância a falhas
gera um impacto	não possui tolerância a falhas
devido à	a existência de um único ponto de falha em toda a arquitetura
com base na	subseção 2.4.3.2

Quadro 9 – Arquitetura monolítica - síntese sobre confiabilidade

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	de confiabilidade do sistema
gera um impacto	alta confiabilidade
contudo	é preciso lidar com a testabilidade do sistema
consciente de que este aspecto tende a	decair a medida que a base de código aumenta
com base na	subseção 2.4.3.3

Quadro 10 – Arquitetura monolítica - síntese sobre performance

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	de performance do sistema
gera um impacto	baixa performance
devido à	arquitetura simplista
com base na	subseção 2.4.3.4

Quadro 11 – Arquitetura monolítica - síntese sobre o processo de *deploy*

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de manutenibilidade
mediante o aspecto	de implantação do sistema
gera um impacto	de fácil implantação
devido à	arquitetura simplista
contudo	é preciso lidar com a crescente base de código
consciente de que este aspecto tende a	decair a medida que a base de código fica maior
com base na	subseção 2.4.4.1

Quadro 12 – Arquitetura monolítica - síntese da testabilidade

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de manutenibilidade
mediante o aspecto	de testabilidade do sistema
gera um impacto	de facilidade para realizar testes
devido à	arquitetura simplista
contudo	é preciso lidar com a crescente complexidade
consciente de que este aspecto tende a	decair a medida que a complexidade do sistema aumenta
com base na	subseção 2.4.4.2

Quadro 13 – Arquitetura monolítica - síntese da comunicação

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de manutenibilidade
mediante o aspecto	de comunicação entre os times
gera um impacto	negativo
devido aos	times segregados por domínio tecnológico
com base na	subseção 2.4.4.3

Quadro 14 – Arquitetura monolítica - síntese da heterogeneidade das tecnologias

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de evolucionabilidade
mediante o aspecto	de heterogeneidade das tecnologias
gera um impacto	de heterogeneidade limitada
devido ao	modelo arquitetural com alto acoplamento
com base na	subseção 2.4.5.1

Quadro 15 – Arquitetura monolítica - síntese sobre complexidade do sistema

A escolha de uma	arquitetura monolítica
sob a perspectiva	de evolucionabilidade
mediante o aspecto	da complexidade do sistema
gera um impacto	de baixa complexidade
devido ao	arquitetura simplista
contudo	é preciso lidar com o acoplamento do código
consciente de que este aspecto tende a	crescer a medida que ao crescimento da base de código
com base na	subseção 2.4.5.1

A [Figura 7](#) visa ilustrar um resumo dos pontos destacados com base na síntese do referencial teórico. Nela podemos observar de verde os fatores positivos da arquitetura, de amarelo os fatores negativos e de vermelho os fatores que inicialmente são positivos dentro do modelo arquitetural mas que tendem a decair a medida que a base de código aumenta.

É importante ter em mente que os fatores marcados como negativo, cor amarela, são características da arquitetura monolítica, com as quais a equipe de software ao optar por este modelo arquitetural vai ter que lidar conscientemente que estes problemas existem. Já os fatores marcados com a cor vermelha, que tendem a cair, são mais traiçoeiros, de forma que inicialmente eles não são um problema, pelo contrário, eles são algo positivo quando se tem um monolítico novo, porém a medida que a base de código cresce eles tendem a se tornar um problema que se instala na arquitetura sem a equipe de TI perceber.

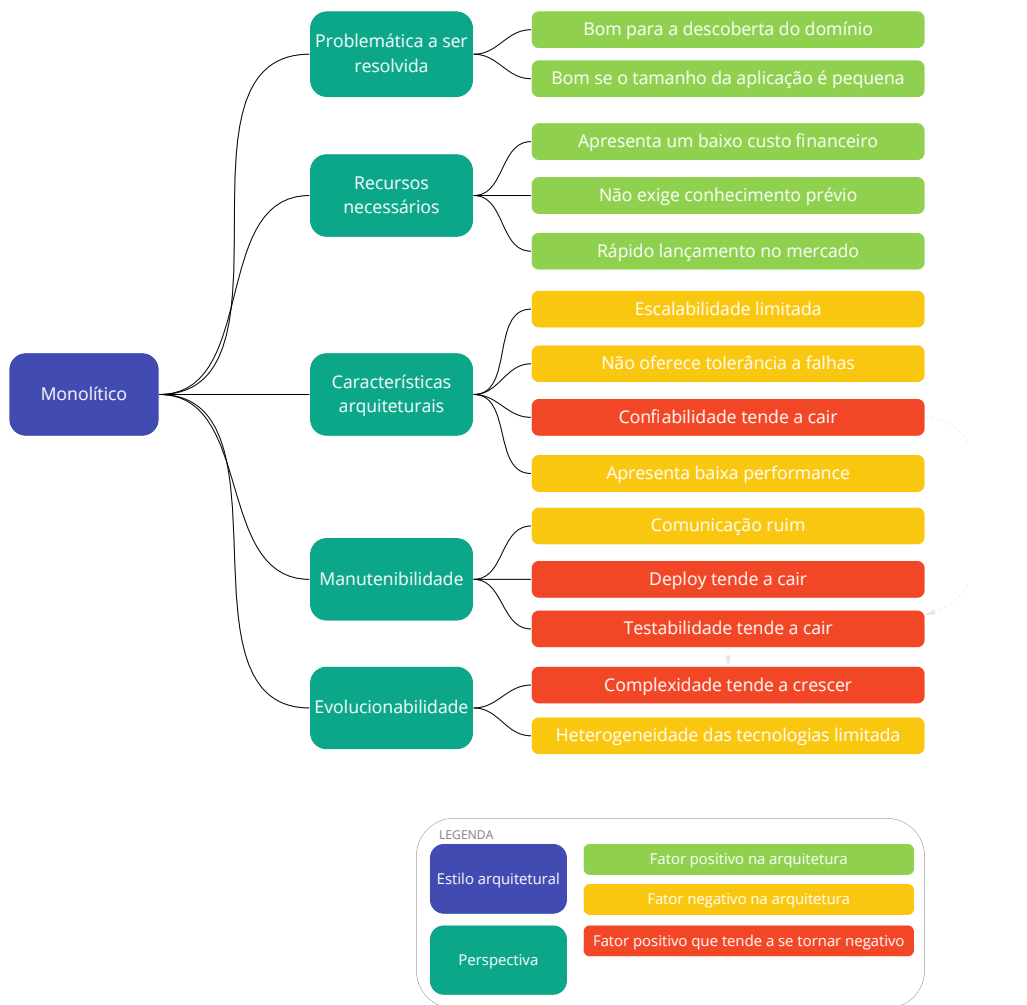


Figura 7 – Mapa mental do processo de síntese realizado sobre a arquitetura monolítica

4.1.2 Síntese da arquitetura de microserviços

Quadro 16 – Arquitetura de microserviços - síntese sobre o domínio do problema

A escolha de uma	arquitetura de microserviços
sob a perspectiva	da problemática a ser resolvida
mediante o aspecto	de domínio sobre o problema
gera um impacto	de necessidade de domínio sobre o contexto
devido à	definição dos limites que impacta toda a arquitetura
com base na	subseção 2.4.1

Quadro 17 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre o tamanho da aplicação

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	da problemática a ser resolvida
mediante o aspecto	do tamanho planejado para a aplicação
gera um impacto	de custo muito alto para aplicações pequenas
devido ao	custo muito alto de implementação e manutenção
com base na	subseção 2.4.1

Quadro 18 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre os recursos financeiros

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	recursos necessários
mediante o aspecto	de recursos financeiros
gera um impacto	alto custo
devido à	necessidade de mão de obra especializada, monitoramento, replicação...
com base na	subseção 2.4.2.1

Quadro 19 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre os recursos humanos

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	recursos necessários
mediante o aspecto	de recursos humanos
gera um impacto	necessita de expertise sobre as tecnologias
devido à	complexidade da arquitetura
com base na	subseção 2.4.2.2

Quadro 20 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre esforço e tempo inicial

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	recursos necessários
mediante o aspecto	esforço e tempo inicial
gera um impacto	alto esforço inicial e demorado lançamento no mercado
devido à	complexidade da arquitetura e a necessidade de automatizar todos os processos operacionais
com base na	subseção 2.4.2.3

Quadro 21 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre escalabilidade

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	da escalabilidade
gera um impacto	de ser altamente escalável
devido à	alta modularidade e automatização dos processos
com base na	subseção 2.4.3.1

Quadro 22 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre tolerância a falhas

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	de tolerância a falhas
gera um impacto	alta tolerância
devido à	presença de vários pontos de falha, comprometendo apenas parcialmente a aplicação
contudo	é preciso lidar com a escalabilidade da rede
com base na	subseção 2.4.3.2

Quadro 23 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre confiabilidade

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	de confiabilidade do sistema
gera um impacto	alta confiabilidade
contudo	é preciso lidar com eventuais inconsistências e escalabilidade da rede
com base na	subseção 2.4.3.3

Quadro 24 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre performance

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de características arquiteturais
mediante o aspecto	de performance do sistema
gera um impacto	baixa performance
devido à	dependência da rede e da adição de várias camadas de segurança na comunicação entre os serviços
com base na	subseção 2.4.3.4

Quadro 25 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre o processo de *deploy*

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de manutenibilidade
mediante o aspecto	de implantação do sistema
gera um impacto	de fácil e rápida de implantação
devido	aos processos automatizados
contudo	é preciso automatizar os processos operacionais
com base na	subseção 2.4.4.1

Quadro 26 – Arquitetura de microsserviços - síntese da testabilidade

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de manutenibilidade
mediante o aspecto	de testabilidade do sistema
gera um impacto	fácil de uma perspectiva local e difícil de uma perspectiva global
devido à	modularidade local e a complexidade global respectivamente
com base na	subseção 2.4.4.2

Quadro 27 – Arquitetura de microsserviços - síntese da comunicação

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de manutenibilidade
mediante o aspecto	de comunicação entre os times
gera um impacto	positivo
devido aos	times multifuncionais
com base na	subseção 2.4.4.3

Quadro 28 – Arquitetura de microsserviços - síntese da heterogeneidade das tecnologias

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de evolucionabilidade
mediante o aspecto	de heterogeneidade das tecnologias
gera um impacto	de alta heterogeneidade
devido ao	modelo arquitetural com baixo acoplamento
com base na	subseção 2.4.5.1

Quadro 29 – Arquitetura de microsserviços - síntese sobre complexidade do sistema

A escolha de uma	arquitetura de microsserviços
sob a perspectiva	de evolucionabilidade
mediante o aspecto	da complexidade do sistema
gera um impacto	de baixa complexidade de uma perspectiva local e alta complexidade de uma perspectiva global
devido ao	característica distribuída da arquitetura
com base na	subseção 2.4.5.1

A Figura 8 visa ilustrar um resumo dos pontos destacados com base na síntese elaborada a partir do referencial teórico. Nela podemos observar de verde os fatores positivos da arquitetura, de amarelo os fatores negativos e de roxo os fatores que em geral são positivos na arquitetura mas que exigem que o time de desenvolvimento lide com algum fator adverso. Por exemplo, o *deploy* é apontado como um fator positivo dentro da arquitetura de microsserviços, visto que é fácil e rápido atualizar um serviço, contudo existe o fator adverso de que todo o processo deve estar automatizado, caso a equipe não automatize esse processo, provavelmente eles terão algum problema pra lidar com o *deploy* dentro dessa arquitetura.

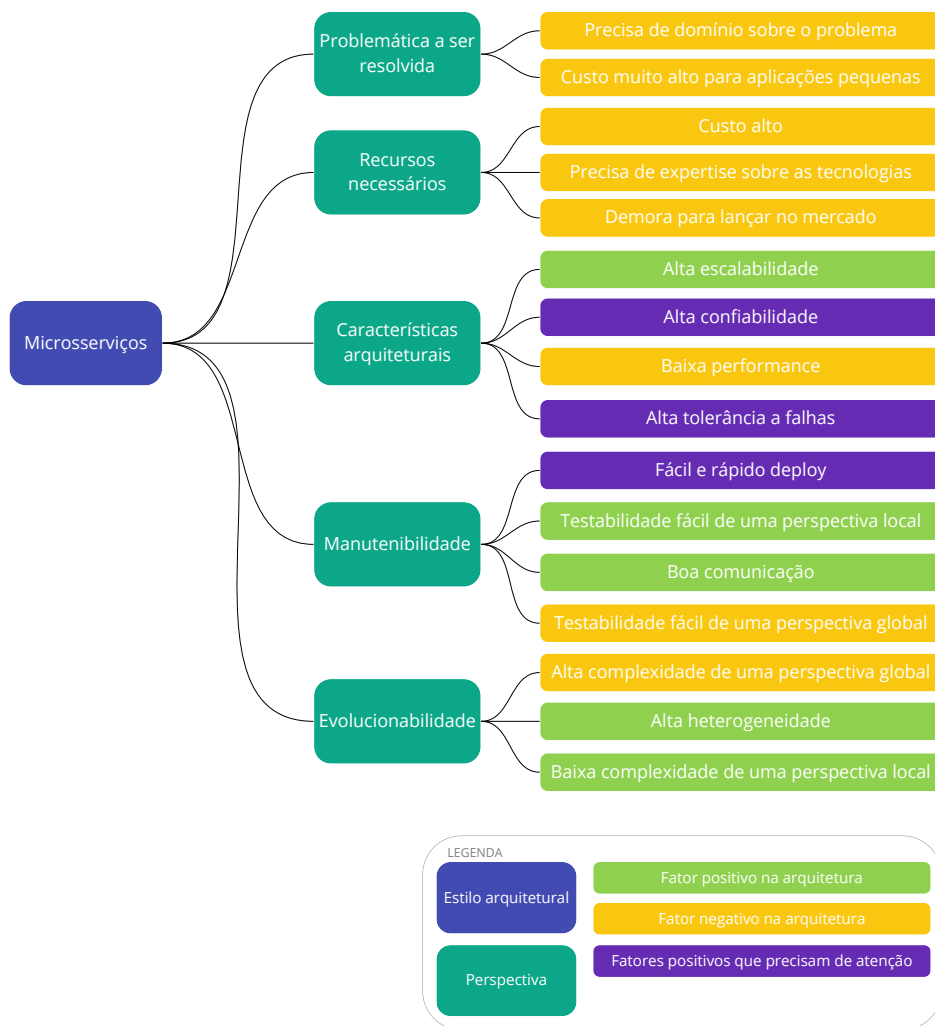


Figura 8 – Mapa mental do processo de síntese realizado sobre a arquitetura de microsserviços

4.2 Análise dos casos de estudo

A presente seção visa relatar casos reais de empresas que vivenciaram os estilos arquiteturais estudados. A proposta é entender o contexto dessas empresas, as decisões tomadas e qual a percepção que elas obtiveram sobre seus sistemas ao experimentar diferentes arquiteturas.

Serão abordados três casos:

1. **KN Login:** um monolítico legado transformado em uma série de sistemas autocontidos, com o intuito de caminhar em direção a uma arquitetura de microsserviços;
2. **Otto:** a reimplementação do zero de um monolítico em uma arquitetura de sistemas autocontidos que posteriormente é evoluída para microsserviços;
3. **Segment:** a transição de um monolítico para uma arquitetura de microsserviços, seguido do retorno para a arquitetura monolítica após as várias dificuldades encontradas.

Para cada caso será apresentado o contexto no qual o sistema abordado está inserido, seguido dos seguintes tópicos:

1. **Problemática da aplicação:** compreensão dos problemas e dificuldades enfrentados pela empresa na arquitetura inicialmente escolhida;
2. **Solução adotada:** compreensão sobre as decisões tomadas pela empresa mediante os problemas enfrentados;
3. **Panorama pós-adoção da solução:** compreensão sobre como a solução escolhida impactou o desenvolvimento de software dentro da empresa;
4. **Perspectivas sobre o caso de estudo:** análise sobre o caso estudado mediante as perspectivas adotadas neste trabalho.

4.2.1 KN Login

O caso apresentado nessa seção é um relato de [Annenko \(2016\)](#) a respeito da transição realizada por Björn Kimminich¹ e sua equipe na empresa Kuehne + Nagel² de um sistema monolítico para sistemas auto-contidos³.

¹ Gerente sênior de arquitetura de TI na empresa Kuehne + Nagel. Mais informações em: <https://www.linkedin.com/in/bkimminich>

² Vide <https://home.kuehne-nagel.com>

³ O relato original e completo da autora sobre o caso pode ser encontrado no link <https://www.elastic.io/breaking-down-monolith-microservices-and-self-contained-systems/>

A Kuehne + Nagel é uma empresa especializada em transportes e logística que presta serviços em uma escala global. Dentre as aplicações de software utilizadas na empresa para entrega dos seus produtos, existe um serviço chamado KN Login, o qual proporciona diversas funcionalidades importantes para a empresa, como gerenciamento dos contêineres transportados, auxilia no controle da integridade e eficiência da cadeia de suprimentos de seus clientes, rastreamento dos contêineres com análise das condições ambientais, etc.

4.2.1.1 Problemática da aplicação

O KN Login é um sistema monolítico iniciado em 2007 construído em cima do *framework* Java Web⁴. Inicialmente foi construído como uma aplicação simples mas com o passar do tempo se tornou um imenso monolítico com mais de um milhão de linhas de código e com uma grande variedade de atribuições e responsabilidades dentro da empresa. Esse contexto trouxe a equipe de software da Kuehne + Nagel as seguintes dificuldades:

- A impossibilidade de trocar o *framework* Java Web para outra tecnologia que se adeque melhor as necessidades da empresa, uma vez que o *framework* se encontra enraizado no sistema;
- A manutenção de dois *frameworks* em paralelo na mesma aplicação, visto que, a equipe de TI deles recomenda o uso do Spring Framework⁵ em detrimento do Java Web Framework sempre que possível;
- Várias tecnologias diferentes de User Interface (UI) utilizadas para conseguir atender as diferentes problemáticas enfrentadas pela empresa;
- O sistema se tornou bastante instável mediante a vasta variedade de tecnologias aplicadas, tornando difícil a manutenção do mesmo pela equipe;
- Alta complexidade que dificulta a entrada de novos membros no time de desenvolvimento.

4.2.1.2 Solução adotada

Mediante as dificuldades enfrentadas, a Kuehne + Nagel optou por seguir os seguintes passos:

- Parar de adicionar quaisquer funcionalidades ou modificações no sistema por mais importante que estas sejam para o escopo do negócio;

⁴ Vide <<https://docs.oracle.com/javase/7/docs/technotes/guides/javaws/developersguide/overview.html>>

⁵ Vide <<https://spring.io>>

- Identificar os módulos e limites do monolítico, de forma que fosse possível criar uma separação ou até mesmo cortar tais partes do monolítico;
- Ter ciência de quão dependentes são cada módulo dentro do monolítico, de tal forma que alguns sejam aparentemente impossíveis de separar;
- Começar a separação de cada módulo aos poucos, de maneira que pedaços possam ser desativados no monolítico a medida que cada novo módulo é liberado;

Após analisar esses quatro fatores, a equipe técnica da Kuehne + Nagel chegou ao ponto de que a mudança diretamente para microserviços seria inviável mediante a grande complexidade do monolítico, além de que esta mudança não iria contribuir para deixar mais fácil a visualização que eles tinham do sistema. Diante desta situação a equipe optou por abordar uma arquitetura de sistemas autocontidos.

Sistemas autocontidos segundo [Annenko \(2016\)](#), diference dos microserviços por serem aplicações web autônomas e substituíveis as quais tendem a ser maiores do que um microserviço e possuem uma unidade de UI própria. Assim, a Kuehne + Nagel construiu o seu primeiro sistema autocontido chamado KN Freightnet, o qual contou com a duplicação de algumas funcionalidades presentes no KN Login, representando o primeiro passo para minimizar a complexidade do KN Login.

4.2.1.3 Panorama pós-adoção da solução

O relato apresentado por [Annenko \(2016\)](#), não traz informações a respeito de quais foram os resultados efetivos da adoção de sistemas autocontidos mediante as dificuldades que a equipe enfrentava dentro no monolítico KN Login, mas a autora traz a perspectiva de utilizar sistemas autocontidos como um passo intermediário em direção aos microserviços quando o monolítico em mãos tem uma complexidade muito alta para ser quebrado.

4.2.1.4 Análise sobre o caso de estudo

O caso da KN Login traz a típica história dos monolíticos: inicialmente uma aplicação que deveria ser simples mas que com o tempo o sistema foi inflando com várias funcionalidades. Nota-se que a equipe do KN Login se deparou com um contexto complexo: rastreo dos contêineres, análise climática, etc. E mediante esse contexto, eles tentaram lidar com toda a problemática dentro do monolítico sem considerar a limitação que este estilo arquitetural oferece referente a heterogeneidade das tecnologias envolvidas.

Diante da combinação: contexto complexo e heterogeneidade de tecnologias, o monolítico KN Login resultou em uma aplicação de alta complexidade e baixa confiabilidade, se tornando um sistema instável e difícil de manter. A [Figura 9](#) visa ilustrar os pontos

destacados na arquitetura monolítica do KN Login mediante aos fatores levantados sobre essa arquitetura na [subseção 4.1.1](#).

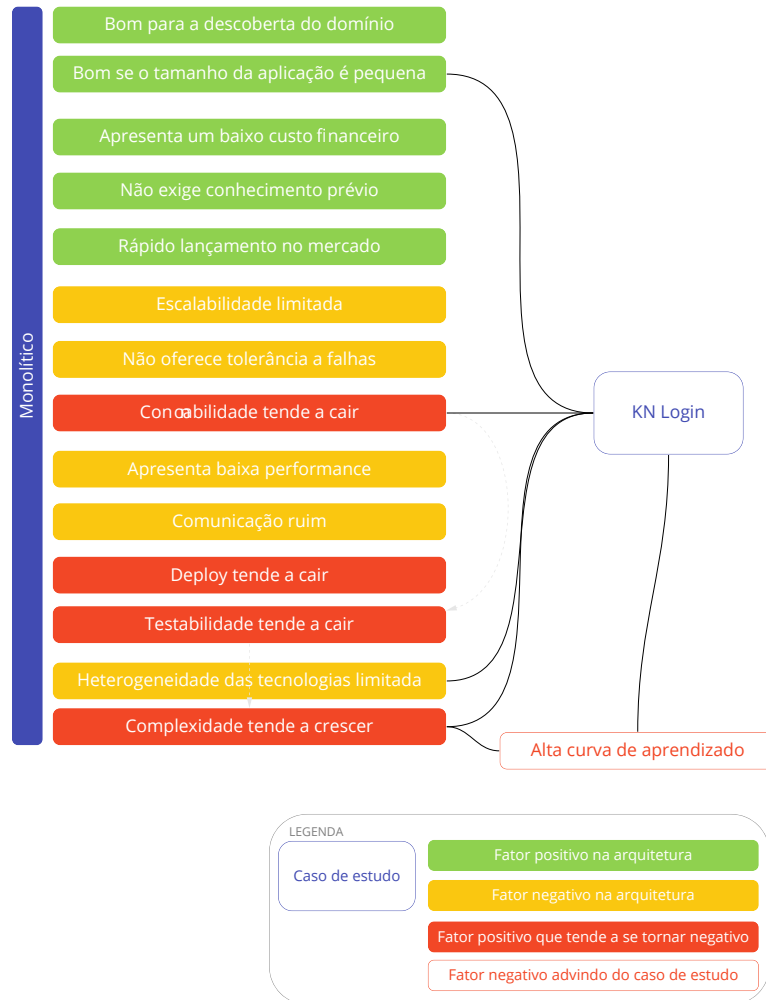


Figura 9 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura monolítica do sistema KN Login

4.2.2 Otto

Nesta seção será apresentado o caso relatado por [Steinacker \(2015\)](#), a respeito da construção do novo *e-commerce* Otto⁶. O Grupo Otto⁷ é uma empresa de origem alemã que trabalha em diversos países desenvolvendo soluções de negócios voltadas a necessidade do setor de *e-commerce*.

⁶ O relato original e completo do autor sobre o caso pode ser encontrado nos links https://www.otto.de/jobs/technology/techblog/artikel/on-monoliths-and-microservices_2015-09-30.php e https://www.otto.de/jobs/technology/techblog/artikel/why-microservices_2016-03-20.php

⁷ Vide: <https://www.otto.de>

4.2.2.1 Problemática da aplicação

O sistema da Otto originou-se inicialmente em um projeto que deveria ser simples, no qual implicitamente a equipe adotou uma macroarquitetura monolítica sem considerar ou até mesmo enxergar que tal decisão estava sendo tomada. E mediante tal decisão, a equipe passou a ter dificuldades com os problemas apresentados abaixo:

- Escalabilidade limitada ao balanceamento de carga;
- Dificuldade de manutenção crescia juntamente com o crescimento da aplicação;
- Dificuldade de contratar desenvolvedores dispostos a trabalhar em um sistema de alta complexidade;
- Dificuldades ao realizar o *deploy* principalmente no caso de aplicações sem períodos de inatividade;
- Dificuldades para trabalhar com várias equipes diferentes em uma mesma aplicação.

[Steinacker \(2015\)](#) enfatiza três pontos que para ele são importantes:

- O desenvolvimento começa em equipe e no início a aplicação é bastante compreensível, necessitando apenas de uma única aplicação;
- Quando se tem um único aplicativo, o custo inicial é relativamente baixo: construção do repositório, automatização da *build* e do processo de *deploy*, configurar ferramentas de monitoramento, etc. Ativar e operar um novo aplicativo é relativamente fácil;
- É mais complexo operar grandes sistemas distribuídos do que um *cluster* balanceador de carga.

4.2.2.2 Solução adotada

Diante do contexto apresentado, a Otto decidiu por começar um novo sistema de *e-commerce*, adotando dessa vez uma arquitetura semelhante a apresentada na [subseção 4.2.1](#) de sistemas autocontidos. Para tal, eles estabeleceram quatro equipes funcionais dando origem a quatro aplicações. Os custos iniciais de cada aplicação foram minimizados padronizando o processo de automação.

A medida que o sistema da Otto evoluía foram criados novos sistemas autocontidos, cada um com sua própria equipe de desenvolvimento, seu próprio *frontend* e seu próprio banco de dados, tudo dentro de um escopo de negócio muito bem definido a respeito das suas atribuições.

A Otto definiu aspectos macro e microarquiteturais. Os aspectos microarquiteturais estavam voltados ao contexto local de cada sistema autocontido construído, enquanto que nos aspectos macro foram definidos questões mais globais a respeito da arquitetura, como por exemplo:

- A comunicação entre os sistemas autocotidos deveria ser feita sempre por meio do modelo [REST](#);
- Não poderia existir estado mutável compartilhado entre as aplicações;
- Os dados devem ser compartilhados por meio de uma [Application Programming Interface \(API\) REST](#), havendo somente uma aplicação responsável pelo dado e as outras unicamente com a permissão de leitura sobre o mesmo.

Nessa abordagem arquitetural escolhida, a Otto se deparou com dificuldades no compartilhamento de dados entre as aplicações, o que os levou a adotar a estratégia de replicação de dados, na qual, eventualmente eles precisam lidar com inconsistências temporárias entre os sistemas.

Contudo, alguns sistemas autocontidos ficaram bastante volumosos após cerca de três anos trabalhando em cima dessa arquitetura. Essa nova situação fez com que a Otto adota-se uma nova medida em direção a uma arquitetura de microsserviços. Decisão esta que segundo [Steinacker \(2016\)](#) não gerou um processo tão árduo dentro da empresa uma vez que eles já vinham trabalhando em cima de uma arquitetura bastante modularizada e já trabalhavam de forma concisa as questões de limites de cada aplicação.

4.2.2.3 Panorama pós-adoção da solução

Após a adoção de uma arquitetura autocontida e a migração para uma arquitetura de microsserviços, [Steinacker \(2016\)](#) traz como pontos positivos de ambas as arquiteturas os seguintes pontos:

- Facilidade em estabelecer uma pirâmide de testes que funcione de forma eficiente e rápida, auxiliando os desenvolvedores no lançamento de novas versões do código;
- Facilidade em gerenciar e integrar o trabalho de diferentes equipes uma vez que cada uma está trabalhando em seu próprio serviço;
- Aumento na velocidade de implantação de novas funcionalidades, sendo mais fácil testar e coletar rapidamente *feedback*;
- Cada aplicativo pode ser implementado de forma independente;

- Não há necessidade de coordenar o processo de implantação, cada equipe possui autonomia para gerenciar o seu processo de implantação sem afetar as demais equipes;
- Baixa curva de aprendizado, cada serviço é de fácil compreensão pelos desenvolvedores;
- Escalabilidade em relação a aplicação e aos próprios times de desenvolvimento;
- A complexidade de um serviço é extremamente baixa quando comparada a uma arquitetura monolítica;
- O sistema não está limitado a uma tecnologia específica;
- Exige que todos os processos estejam automatizados;
- Facilidade em reverter a versão do projeto quando algum *bug* é introduzido;
- A ocorrência de falhas não afeta o sistema por inteiro, somente uma parte dele;
- Permite manter com facilidade a alta coesão e o baixo acoplamento do sistema;

Segundo a visão do autor, os microserviços possibilitam a construção de um sistema de software muito mais sustentável ao longo dos anos do que um sistema monolítico, de forma que nessa arquitetura é possível substituir pequenos pedaços da aplicação quando for necessário, enquanto que em sistemas monolíticos essa abordagem se torna muito mais complexa.

A adoção de sistemas autocontidos é apresentada por ele como uma porta de entrada na qual é possível resolver problemas semelhante aos microserviços de uma forma mais pragmática, deixando ainda a possibilidade de migrar futuramente para uma arquitetura de microserviços de uma forma não tão árdua (STEINACKER, 2016).

4.2.2.4 Análise sobre o caso de estudo

A figura [Figura 10](#) ilustra os pontos da arquitetura monolítica levantados pelo caso de estudo da Otto. Percebe-se que a experiência deles atesta os pontos referentes ao início do projeto quando a aplicação é pequena, de fácil compreensão por todos, tem um custo baixo, etc. Também atesta os problemas de complexidade e de implantação que tendem nesse modelo arquitetural a crescer juntamente com a base de código.

A tomada de decisão por passar para uma arquitetura de sistemas auto-contidos auxilia eles como um passo intermediário antes de aderir toda a complexidade da arquitetura de microserviços. Nessa abordagem percebe-se que eles vivenciam características dos dois estilos arquiteturais. Olhando da perspectiva dos microserviços, eles definem

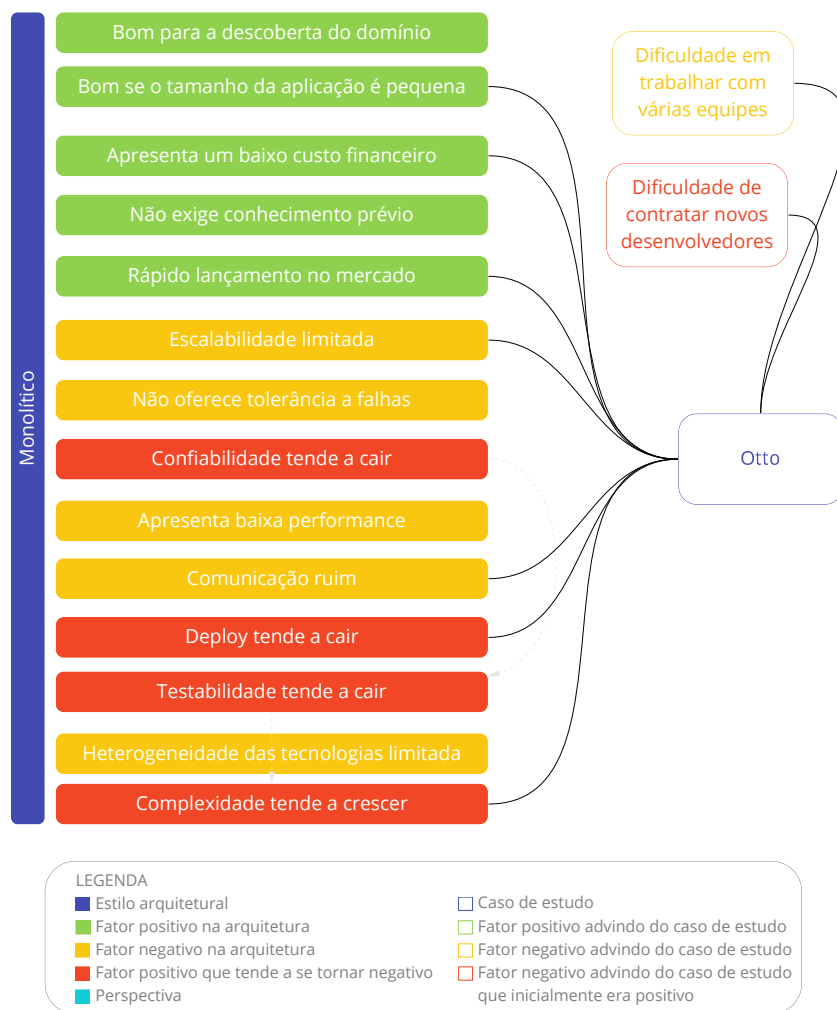


Figura 10 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura monolítica da Otto

protocolos de comunicação e compartilhamento de dados e lidam com eventuais inconsistência de dados (um problema comum da arquitetura de microsserviços). Por outro lado, eles ainda precisam lidar com a crescente base de código dos monolíticos dentro de cada sistema auto-contido.

A figura [Figura 11](#) ressalta os pontos de alta escalabilidade, alta tolerância a falhas, facilidade no *deploy*, testabilidade e alta heterogeneidade de tecnologias observados no caso de estudo. A experiência da Otto também outros pontos dessa arquitetura como baixa curva de aprendizado e a necessidade de automatizar todos os processos.

Um ponto que se diferencia do esperado, de acordo com a fundamentação teórica levantada para esse trabalho, é que a Otto apresenta a coleta de *feedbacks* como um ponto positivo da arquitetura de microsserviços enquanto o referencial teórico aponta a arquitetura monolítica como mais indicada para tal. Nesse sentido, percebe-se que existe o fator tempo de projeto envolvido. Como relatado na [subseção 2.4.1](#) e na [subseção 2.4.2.3](#), ao iniciar um projeto a arquitetura monolítica é melhor para a rápida coleta de *feedbacks*

por ser mais simplista, contudo no caso da Otto, eles já tinham um sistema monolítico com uma base de código grande e devido aos problemas de complexidade já discutidos evoluir e testar rápido esse sistema com os usuários já não deveria ser um processo tão fácil. Já na arquitetura de microsserviços, existe a esforço inicial de automatizar todos os processos, mas após essa automatização alterar e testar um novo serviço tende a ser fácil.

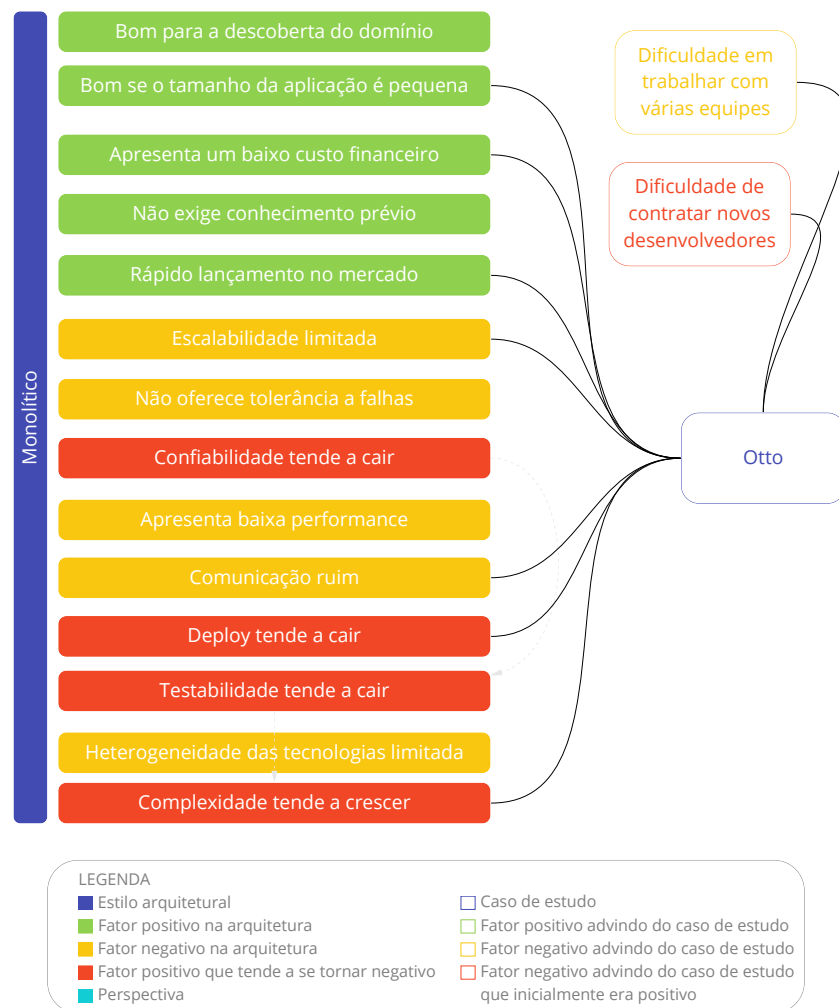


Figura 11 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura de microsserviços da Otto

4.2.3 Segment

O caso apresentado a seguir foi retratado por Noonan (2020) na conferência QCon London. Ela trata a respeito do sistema da Segment⁸, o qual foi construído inicialmente em uma arquitetura monolítica, passou por uma migração para uma arquitetura de microsserviços e após 3 anos em cima desta arquitetura, decidiram por retornar para a arquitetura monolítica.

⁸ Vide: <<https://segment.com>>

A Segment é uma empresa responsável por fazer a integração entre as aplicações de software de seus clientes com diversas ferramentas de análise de dados, atuando como um *pipeline* facilitador na integração entre as partes citadas.

4.2.3.1 Problemática da aplicação

Em 2013, quando a empresa foi criada havia necessidade de construir um sistema que possuísse uma baixa sobrecarga operacional, sendo simples de gerenciar e fácil de iterar, assim, diante de tais necessidades a primeira versão do sistema da Segment foi construído em cima de uma arquitetura monolítica.

A arquitetura inicial consistia em uma [API](#) de entrada que recebia os dados enviados pelas aplicações dos clientes da Segment, e colocava esses dados em uma fila de processamento. A partir deste ponto, havia uma monolítico responsável por consumir a fila e enviar os dados para as aplicações de destino (Google Analytics, Salesforce...). O consumo dessa fila ocorria no modelo [First in, First out \(FIFO\)](#)⁹. A dificuldade enfrentada pela equipe da Segment nessa arquitetura estava na tentativa de reenviar algum dado quando por algum motivo a primeira tentativa tinha falhado. De acordo com [Noo-nan \(2020\)](#), cerca de 10% das solicitações para as aplicações de destino falhavam e nesses casos, o monolítico fazia de 2 a 10 tentativas de reenvio.

Nessa abordagem, a Segment passou a enfrentar um bloqueio frontal na fila. Sempre que uma aplicação de destino estava muito instável ou ficava fora do ar, o monolítico travava a fila tentando refazer o envio, de forma que o problema se propagava: ao invés de ter uma integração X fora do ar, todas as outras integrações também paravam de funcionar visto que a fila estava bloqueada.

Após um ano trabalhando em cima dessa arquitetura, o time de desenvolvimento da Segment decidiu por mudar para uma arquitetura de microsserviços visando o isolamento do ambiente, de forma que problemas com uma determinada integração não impactasse na outra. Para tal, eles segregaram cada integração em um serviço próprio acompanhado de sua própria fila e adicionaram antes das filas um roteador capaz de receber os dados da [API](#) de entrada e direcioná-los para as filas necessárias. Essa abordagem trouxe as seguintes vantagens para a Segment:

- Diminui a necessidade de *backup* da fila, uma vez que ao falhar uma aplicação de destino eles não precisam mais salvar a fila toda, mas somente a parte referente a integração problemática;
- A falha em uma aplicação de destino não afetava mais as outras integrações;

⁹ Vide <<https://pt.wikipedia.org/wiki/FIFO>>

- Facilitou a inserção de novas aplicações de destino ao sistema da empresa, permitindo um desenvolvimento mais rápido;
- Facilidade em tratar as peculiaridades de cada integração dentro do seu próprio serviço, sem precisar compatibilizar os dados com todas as aplicações de uma única vez;
- Agregou a visibilidade de toda a pilha do processo, permitindo identificar mais facilmente as falhas e a qual serviço específico elas eram referentes.

Em 2016, a Segment possui 50 serviços integrando diferentes aplicações. Com o aumento na quantidade de serviços para gerenciar eles começaram a ter algumas dificuldades, entre elas:

- Não possuíam processos de *build* e *deploy* automatizados, o que acaba exigindo bastante tempo da equipe mediante a quantidade de serviços no ar;
- Cada sistema realizava diferentes tratamentos sobre o dado antes de enviar para a aplicação de destino e como cada cliente podia enviar os dados de diferentes formas, acabou se tornando árduo entender o que estava se passando dentro de cada serviço. Nesse caso, eles optaram por criar bibliotecas comuns entre os serviços para fazer tal tratamento. Inicialmente, isto se refletiu positivamente dentro da equipe, mas sem os processos de implantação automatizados, a atualização da versão das bibliotecas em cada serviço se tornou um problema de tal forma que eles passaram a preferir não corrigir um *bug* dentro da biblioteca do que fazer a atualização;
- Administrar o escalonamento da arquitetura não era uma tarefa fácil. Alguns clientes geravam um tráfego de milhares de requisições por segundo, e frequentemente acontecia de algum desses clientes ativarem alguma integração com o intuito de experimentar, e apesar das regras automáticas de escalonamento e dimensionamento de recursos, o time de TI da Segment não conseguia encontrar uma regra de escalabilidade que se adequasse bem ao contexto deles. Diante desse caso, eles pensaram em soluções de supervisionamento da arquitetura, manter sempre alguns trabalhadores mínimos, etc., mas chegaram a conclusão de que essas abordagens teriam um custo muito alto para a empresa;
- Mesmo com todas as dificuldades, eles continuavam adicionando cerca de três aplicações de destino por mês. O que tornava cada vez mais complexa a base de código e fazia a carga operacional, diante dos processos não automatizados, crescer linearmente ainda que o tamanho da equipe fosse constante;
- A empresa chegou a parar de desenvolver novas funcionalidades visto que a complexidade e a dificuldade para manter os microsserviços funcionando estava altíssima;

- A carga encaminhada dos clientes havia aumentado consideravelmente e eles ainda continuavam com o mesmo problema de limitação do tráfego pelo lado das aplicações de destino, o mesmo bloqueio frontal mencionado anteriormente;

4.2.3.2 Solução adotada

Em 2017, Noonan (2020) relata que eles chegaram ao ponto de ruptura: haviam 140 serviços rodando, uma equipe pequena mantendo uma série de processos operacionais e uma base de código complexa fazendo com que a arquitetura que inicialmente parecia ideal e que os auxiliaria a escalar, se torna-se o fator paralisador de todo o sistema. Nesse ponto, eles reunirão todas as experiências que haviam reunido desde 2013, e tomaram a decisão de retornar para uma arquitetura monolítica, com um sistema único que eles fossem capaz de gerenciar e escalar.

A solução adotada reuniu todas as 140 integrações no mesmo repositório novamente, ao invés de ter uma fila para cada aplicação eles optaram por salvar os dados em um banco MySQL¹⁰, com as condições de que:

- As linhas do banco deveriam ser imutáveis, devendo o monolítico sempre inserir o novo estado mas nunca atualizar o antigo;
- Operações de JOIN não deveriam ser realizadas. No modelo desenvolvido por eles, o monolítico deveria apenas ler informações básicas sobre os dados a serem tratados;
- A escrita deve ser a operação predominante. Nessa nova arquitetura, a maioria dos dados eram tratados em cache e tinham apenas o seu estado registrado no banco de dados.

Dessa forma, os dados chegavam ao monolítico, o qual registrava os mesmos no banco mas ainda os mantinham em cache. A medida que os dados eram tratados, o monolítico removia os dados do cache e registrava o novo estado no banco. Quando alguma integração falhava, o estado de falha era registrado no banco para que fosse tratado posteriormente por meio da estratégia de *backoff* definida por eles.

Olhando a perspectiva da escalabilidade, o monolítico podia ser replicado sempre que houvesse a necessidade. Para tal, havia um serviço responsável por gerenciar as instâncias de banco de dados. Sempre que um novo monolítico era colocado no ar, ele recebia por meio desse serviço o acesso a um banco de dados exclusivamente seu. Dessa forma, eles conseguiram automatizar o processo de escalabilidade de acordo com o uso da CPU (FRENCH-OWEN, 2018)¹¹.

¹⁰ Vide <<https://www.mysql.com>>

¹¹ A descrição completa da solução adotada pela Segment pode ser encontrada no link <<https://segment.com/blog/introducing-centrifuge/>>

4.2.3.3 Panorama pós-adoção da solução

A solução adotada pela Segment permitiu a eles:

- Escalar melhor a sua aplicação, lidando de forma mais eficiente com as limitações de capacidade das aplicações destino e permitindo a adição de novos serviços sem a necessidade de aumentar os custos operacionais da equipe;
- Aumentou consideravelmente a produtividade do time;
- Solucionou o problema de compatibilidade de diferentes versões de bibliotecas compartilhadas entre os serviços;
- Facilitou o desenvolvimento de novas funcionalidades para o sistema;

Os problemas que eles tinham na primeira arquitetura monolítica relacionados às dificuldades de isolamento de ambiente continuaram presentes nessa nova arquitetura, contudo, agora o time de desenvolvimento da Segment soube lidar de forma muito mais madura com essa situação, procurando outras soluções diferentes de microsserviços para tratar os obstáculos com os quais eles se deparavam.

4.2.3.4 Análise sobre o caso de estudo

O caso da Segment conta com três fases que precisam ser avaliadas: o monolítico inicial, os microsserviços e o monolítico final. A figura [Figura 12](#) representa o primeiro monolítico construído pela empresa. A escolha inicial de uma arquitetura monolítica condiz com o contexto da empresa, a qual era composta por uma equipe pequena de engenheiros de software e estava buscando validar sua ideia e descobrir o domínio no qual estavam imersos.

No caso, a Segment se depara logo com a limitação de tolerância a falhas dessa arquitetura e decidem mudar para uma arquitetura de microsserviços. Visto que o sistema da Segment era um software novo, com um ano de funcionamento quando eles optaram por fazer a migração, percebe-se que outros problemas da arquitetura monolítica não aparecem no relato, como alta complexidade, dificuldades de manutenibilidade, etc., evidenciando o ponto levantado na [subseção 4.1.1](#) de que essas características são inicialmente positivas no sistema e estão diretamente relacionadas ao tamanho da base de código.

Ao passar o sistema para a arquitetura de microsserviços, o time consegue perceber os pontos destacados na [Figura 13](#) como a tolerância a falhas, a baixa complexidade local, etc. Vale ressaltar que a Segment também relata, semelhante a Otto, a facilidade e velocidade de adicionar novas funcionalidades nessa arquitetura. Contudo, percebe-se também a ausência da expertise, comentada na [subseção 2.4.2.2](#), sobre este modelo arquitetural

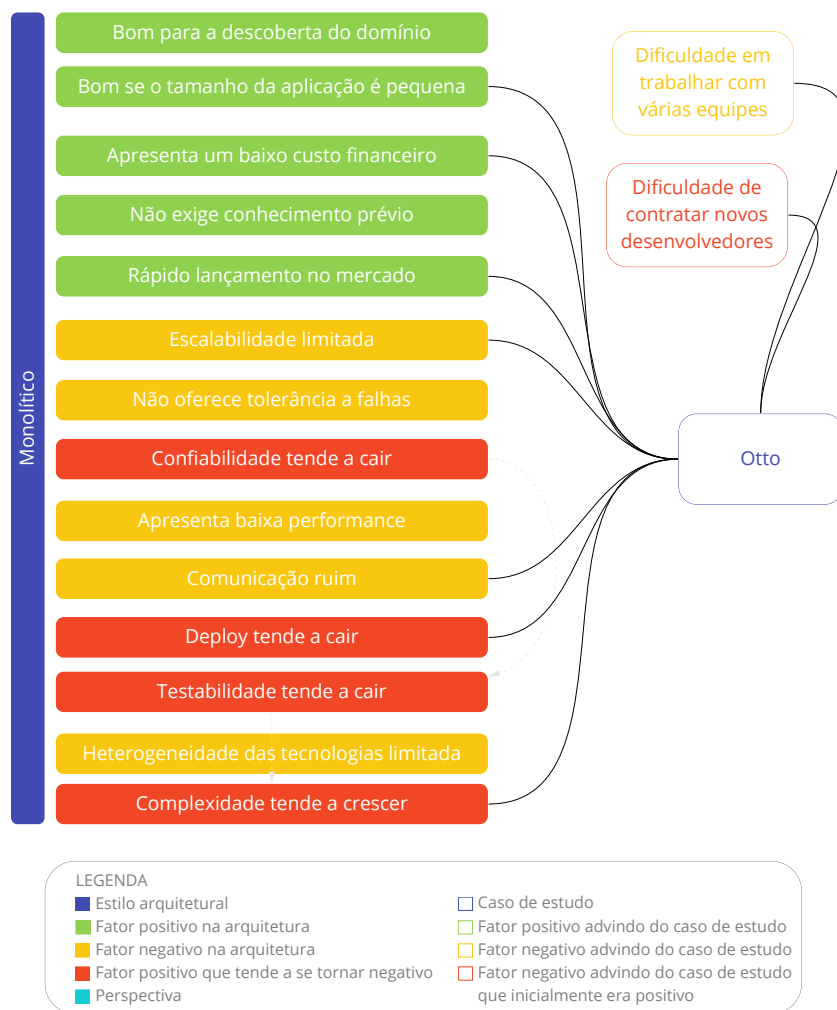


Figura 12 – Fatores apresentados no caso de estudo da primeira arquitetura monolítica da Segment

visto que os processos operacionais não são automatizados pela equipe da Segment. Este fator somado ao crescente número de serviços funcionando faz com que a equipe se afogue na grande demanda de processos operacionais exigida por essa arquitetura. Assim, eles param todo o desenvolvimento mediante a inviabilidade de gerenciar essa arquitetura nas proporções que ela tomou.

No meio desta situação, a Segment opta por voltar para a arquitetura monolítica mas de uma forma mais consciente sobre quais eram as dificuldades do contexto deles, planejando estratégias para lidar com as adversidades que eles já conheciam. Assim, eles conseguem construir um sistema que possa prover escalabilidade, tolerância a falhas e produtividade para a equipe em cima de uma arquitetura monolítica. Vale salientar que, a respeito da produtividade da equipe, a Segment se encontra com um monolítico relativamente novo, que foi planejado e assim ele apresenta o perfil de um monolítico em sua fase inicial: baixa complexidade, módulos bem definidos, etc., contudo, é necessário que a equipe se empenhe para conseguir manter essas características a medida que sua base

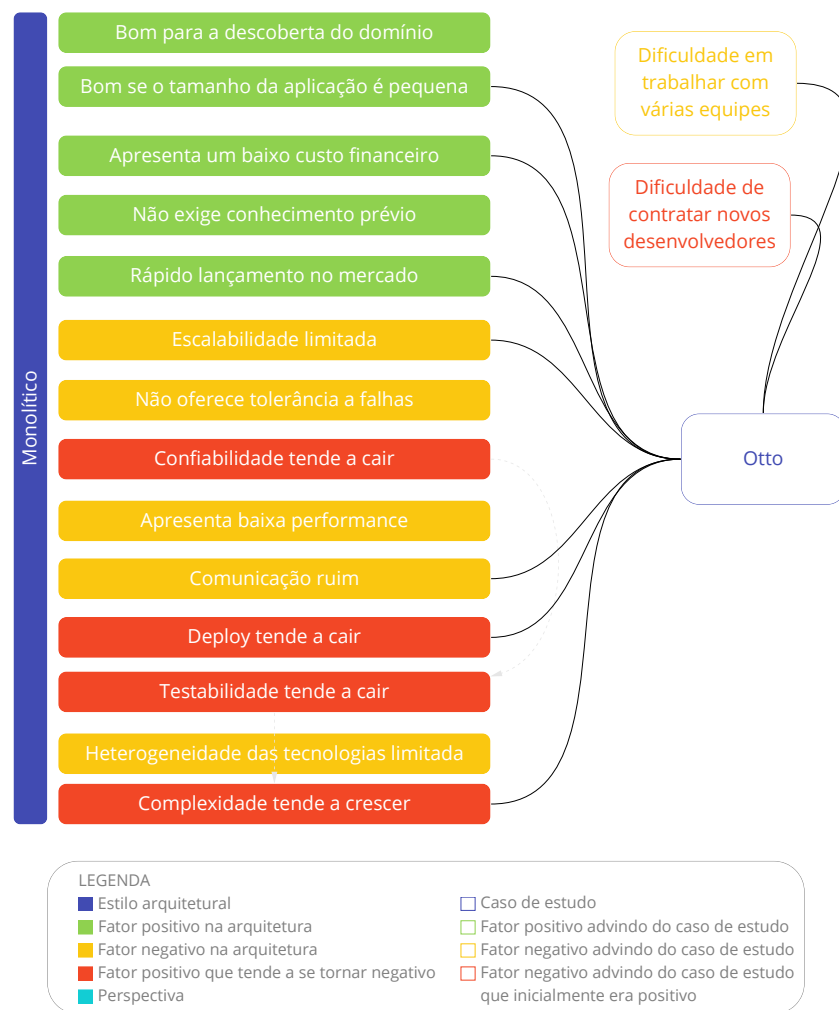


Figura 13 – Fatores apresentados no caso de estudo da arquitetura de microserviços da Segment

de código cresce.

5 Resultados

[seção 4.1](#)

6 Considerações Finais

Referências

- ANNENKO, O. *Breaking Down a Monolithic Software: A Case for Microservices vs. Self-Contained Systems*. elastic.io, 2016. Disponível em: <<https://www.elastic.io/breaking-down-monolith-microservices-and-self-contained-systems/>>. Acesso em: 10.04.2021. Citado 2 vezes nas páginas 53 e 55.
- BASS, L.; CLEMENTS, P.; KAZMAN, R. *Software Architecture in Practice*. 3. ed. Massachusetts, USA: Pearson Education, Inc., 2015. ISBN 978-0-321-81573-6. Citado 3 vezes nas páginas 22, 25 e 26.
- CONWAY, M. E. How do committees invent? Datamation magazine, USA, Apr 1968. Disponível em: <<http://www.melconway.com/Home/pdf/committees.pdf>>. Citado na página 36.
- DAVIS, J.; DANIELS, R. *Effective DevOps: Building a Culture of Collaboration, Affinity, and Tooling at Scale*. O'Reilly Media, 2016. ISBN 9781491926437. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=6e5FDAAQBAJ>>. Citado na página 28.
- FOWLER, M. *Microservice Premium*. Martin Fowler, 2015. Disponível em: <<https://martinfowler.com/bliki/MicroservicePremium.html>>. Acesso em: 10.04.2021. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 34.
- FOWLER, M. *Microservice Trade-Offs*. Martin Fowler, 2015. Disponível em: <<https://martinfowler.com/articles/microservice-trade-offs.html#ops>>. Acesso em: 10.04.2021. Citado 4 vezes nas páginas 21, 30, 31 e 32.
- FOWLER, M. *Monolith First*. Martin Fowler, 2015. Disponível em: <<https://martinfowler.com/bliki/MonolithFirst.html>>. Acesso em: 10.04.2021. Citado na página 32.
- FRENCH-OWEN, C. *Centrifuge: a reliable system for delivering billions of events per day*. Otto, 2018. Disponível em: <<https://segment.com/blog/introducing-centrifuge/>>. Acesso em: 10.04.2021. Citado na página 64.
- GUIMARÃES, L.; BRYANT, D. *QTrends Arquitetura - A ascensão e queda dos microservices*. InfoQ, 2020. Disponível em: <<https://www.infoq.com/br/news/2020/06/qtrends-arquitetura-microservice/>>. Acesso em: 24.04.2021. Citado na página 21.
- KWIECIEŃ, A. *10 companies that implemented the microservice architecture and paved the way for others*. Divante, 2019. Disponível em: <<https://divante.com/blog/10-companies-that-implemented-the-microservice-architecture-and-paved-the-way-for-others/>>. Acesso em: 24.04.2021. Citado na página 21.
- LEWIS, J.; FOWLER, M. *Microservice Premium*. Martin Fowler, 2014. Disponível em: <<https://martinfowler.com/articles/microservices.html>>. Acesso em: 21.04.2021. Citado 5 vezes nas páginas 13, 31, 34, 36 e 37.

- MCGOVERN, J. et al. *A Practical Guide to Enterprise Architecture*. Prentice Hall/Professional Technical Reference, 2004. (The Coad series). ISBN 9780131412750. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=YGCNnnzeov0C>>. Citado na página 26.
- NEWMAN, S. *Building Microservices: Designing Fine-Grained Systems*. USA: O'Reilly Media, Inc., 2015. Citado 2 vezes nas páginas 29 e 31.
- NEWMAN, S. *Microservices For Greenfield?* 2019. Disponível em: <<https://samnewman.io/blog/2015/04/07/microservices-for-greenfield/>>. Acesso em: 10.04.2021. Citado 2 vezes nas páginas 32 e 33.
- NEWMAN, S. *Monolith to Microservices: Evolutionary Patterns to Transform Your Monolith*. [S.l.]: O'Reilly Media, 2019. ISBN 9781492047810. Citado 2 vezes nas páginas 28 e 29.
- NOONAN, A. To microservices and back again. In: . London: QCon London, 2020. Citado 3 vezes nas páginas 61, 62 e 64.
- RICHARDS, M.; FORD, N. *Fundamentals of Software Architecture: An Engineering Approach*. USA: O'Reilly Media, 2020. ISBN 9781492043423. Citado 12 vezes nas páginas 13, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36 e 38.
- SAKOVICH, N. *Monolithic vs. Microservices: Real Business Examples*. 2017. Disponível em: <<https://www.sam-solutions.com/blog/microservices-vs-monolithic-real-business-examples/>>. Acesso em: 07.11.2019. Citado na página 28.
- SEI, S. E. I. What is your definition of software architecture? Software Engineering Institute, Carnegie Mellon University, Pittsburgh, PA, n. 3854, Jan 2017. Citado na página 25.
- STEINACKER, G. *On Monoliths and Microservices*. Otto, 2015. Disponível em: <https://www.otto.de/jobs/technology/techblog/artikel/on-monoliths-and-microservices_2015-09-30.php>. Acesso em: 10.04.2021. Citado 2 vezes nas páginas 56 e 57.
- STEINACKER, G. *Why Microservices?* Otto, 2016. Disponível em: <https://www.otto.de/jobs/technology/techblog/artikel/why-microservices_2016-03-20.php>. Acesso em: 10.04.2021. Citado 2 vezes nas páginas 58 e 59.
- TILKOV, S. *Don't start with a monolith*. Martin Fowler, 2015. Disponível em: <<https://martinfowler.com/articles/dont-start-monolith.html>>. Acesso em: 10.04.2021. Citado 4 vezes nas páginas 13, 22, 30 e 38.
- VOGEL, O. et al. *Software Architecture: A Comprehensive Framework and Guide for Practitioners*. [S.l.]: Springer Berlin Heidelberg, 2011. ISBN 9783642197369. Citado na página 26.